

O pacto dos superpatrões contra o povo

Querem esconder a inflação para salvar o PDS!

Intervenção militar na região da seca

Exército teme revolta popular. Pág. 5

EDITORIAL

A conquista dos votos

Vai chegando ao fim a etapa de definição dos candidatos para o pleito de 15 de novembro. A presença de grandes contingentes de massa nas convenções do PMDB demonstram o anseio dos brasileiros por eleições com liberdade e a sua firme determinação de se unir para derrotar o governo com uma votação maciça na oposição.

Os generais, por seu lado, encontram-se em dificuldades. A divisão do PDS em estados como a Bahia, Espírito Santo, Goiás e Minas Gerais, o lançamento de um candidato inexpressivo como Reynaldo de Barros em São Paulo, a desmoralização de Jair Soares no Rio Grande do Sul, tudo isto leva o desespero ao Palácio do Planalto. A tal ponto que o general Figueiredo perdeu a compostura e passou a atacar publicamente seus próprios companheiros em discurso proferido em Goiás.

Isto não quer dizer que se possa dormir sobre os louros. Pelo contrário, agora é que a tarefa é mais árdua. É de se esperar novos casuísmos, mais corrupção e mais violência contra os democratas. Na situação atual é difícil conter o processo eleitoral, mas os generais vão fazer tudo para intimidar a oposição e para conquistar votos com a demagogia mais desavergonhada. Isto vai exigir das forças democráticas o máximo de dedicação. Por um lado, denunciar o mais amplamente possível este governo de fome, repressão e entreguismo. Por outro, transformar concretamente o descontentamento generalizado em votos na oposição.

Para conseguir votos não basta ficar em generalidades. Particularmente os candidatos populares, que têm poucos recursos, precisam multiplicar o seu raio de influência, organizando centenas e centenas de homens do povo em cada local de trabalho e de moradia para impulsionar suas campanhas junto às amplas massas. Para isto desempenham um papel decisivo as reuniões visando

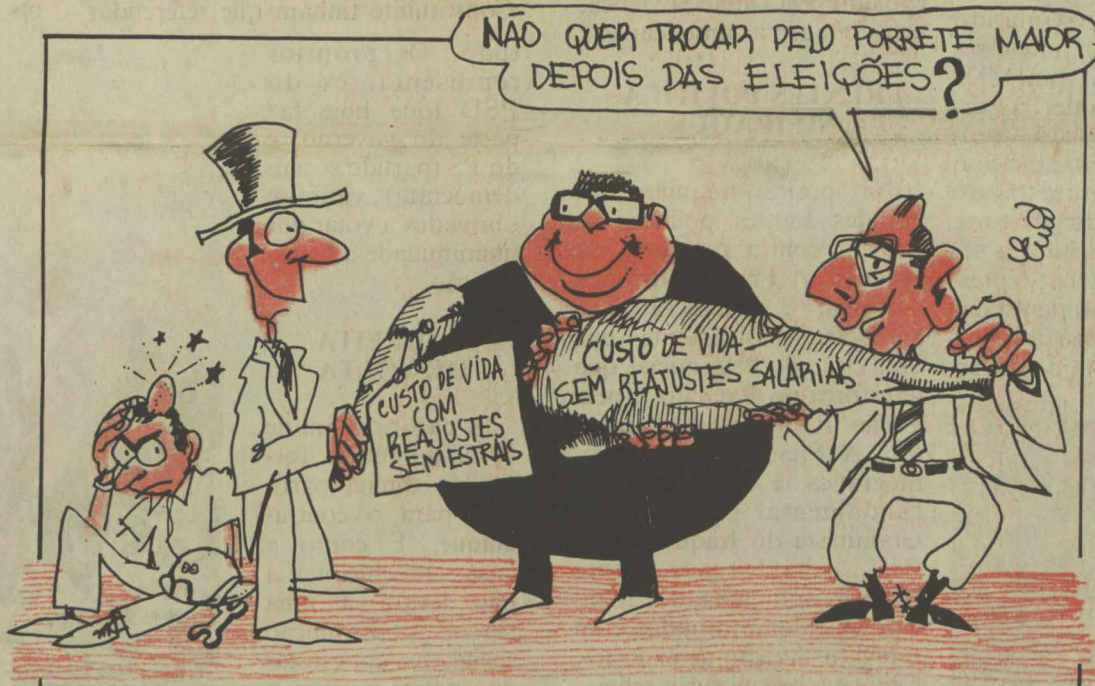
organizar os pequenos comitês em cada rua, em cada escola, em cada fábrica. Estas discussões em cada local servirão para indicar a necessidade de usar com eficácia a arma do voto e para orientar a formação de equipes de ativistas de massas que participarão diretamente da campanha, unindo solidamente o candidato ao povo.

Para amarrar os resultados da campanha não se pode ficar apenas na agitação de idéias. Isto é uma parte apenas. Não se pode deixar de pedir voto. Pedir voto para um representante do povo que vai usar seu mandato em defesa dos interesses populares.

Este trabalho miúdo pode reforçar os vínculos com as grandes massas em cada fábrica ou bairro e pode contribuir para elevar o nível de consciência do povo, levando a cada local a discussão política. As próprias formas de campanha mais amplas, como os comícios e as manifestações, precisam ser dirigidas para isto. E nesta campanha, onde rios de dinheiro estão sendo empregados, torna-se necessário incentivar a criatividade e a iniciativa popular para encontrar formas novas que tenham grande repercussão e despertem a curiosidade e o interesse das massas.

O trabalho organizado, casa por casa se for preciso, é que vai neutralizar as obras demagógicas como um chafariz, uma bica d'água, um pedaço de asfalto, conseguidos pelos protegidos do governo nas vésperas das eleições. É a compra de votos a troco de pequenos favores pelos cabos eleitorais do PDS com populus verbas sempre à mão.

A campanha eleitoral deste tipo pode representar um avanço na luta política democrática. Pode servir para ampliar o leque das alianças com todos os setores interessados no fim do regime militar e ao mesmo tempo elevar a organização da unidade popular.



Grandes capitalistas tramam com o governo mais uma armadilha contra o trabalhador: o "pacto antiinflação". O plano é segurar certos aumentos de preços, mas somente até as eleições, para dar uma mãozinha ao PDS. Em troca, o governo acaba com o reajuste semestral dos salários depois de 15 de novembro. A grande preocupação dos exploradores é que ninguém vai votar no governo com a carestia como está. Pág. 5

Seguraram o Congresso do Trabalhador

Manobra na cúpula levou ao adiamento do Conclat. Pág. 4

Advogado dos posseiros é morto a tiro

O novo crime dos grileiros foi em Marabá. Pág. 8

O povo dá força às convenções oposicionistas

Votação anti-PDS será maciça. Pág. 3

Polícia Federal baiana torturou presos políticos

Libertados, eles denunciam sevícias. Pág. 5

"Culpado da ocupação de casas é o Maluf!"

A frase é de uma das 2 mil pessoas que invadiram o conjunto Centreville, em Santo André, e prometem resistir. Última página



Os próprios ocupantes construíram a ponte que leva as seus novos lares

O maior Coneb da história convoca Congresso da UNE

A reunião teve 638 entidades. Pág. 4

4 mil nas ruas de São Paulo em apoio ao Líbano

Solidariedade é crescente. Pág. 2



Walter Feldman com Ulysses Guimarães, na convenção municipal

Convenção do PMDB no município dos 4 milhões de votos

O PMDB escolheu dia 17, em convenção municipal, os seus 99 candidatos à Câmara dos Vereadores da cidade de São Paulo. Quatro mil populares presentes aplaudiram a convenção como mais um passo para a vitória da oposição.

Não houve desta vez a mesma participação direta e decisiva do povo presente, que tanto destacou a convenção estadual paulista, quatro semanas antes. Mesmo porque a chapa única de candidatos foi decidida por consenso. Mas a presença dos candidatos do PMDB ao governo e ao Senado assinalavam a importância especial da convenção. São Paulo é o município mais populoso do país, com 8,5 milhões de habitantes — o equivalente à população da Áustria, da Bulgária, ou da Arábia Saudita. Concentra mais de um terço do eleitorado paulista e quase um décimo dos 52 milhões de brasileiros aptos a votar em 15 de novembro.

TRUCULÊNCIA DO PDS
Na disputa dos votos paulistas, o PDS joga pesado e não vacila em usar a truculência. A **Tribuna** entrevistou durante a convenção do PMDB uma das últimas vítimas desta orientação — o jovem médico Walter Feldman, candidato a vereador estreitamente ligado ao movimento popular paulista, exonerado dois dias antes de suas funções no Hospital Municipal do Ipiranga.

“A gente estava trabalhando para fundar a Associação dos funcionários do hospital — conta Walter — e eles tiveram uma boa participação

na greve deste ano. Quando a Prefeitura ficou sabendo da minha candidatura, não teve dúvidas. Recebi um comunicado do diretor do Hospital, sem nenhuma advertência, dizendo que estava exonerado por ordem direta do secretário da Saúde.

O secretário, Sérgio C. Nahas, além de acumular empregos no Hospital das Clínicas, Hospital do Servidor e Companhia do Metrô — onde nunca apareceu — possui um consultório particular e é médico privado do cacique-mor do PDS paulista, Paulo Salim Maluf. Homem de confiança do esquema malufista, assumiu a Secretaria em maio e desde então colocou-a a serviço dos interesses eleitorais do PDS. “Em São Miguel — denuncia Walter — houve um exame de seleção para pessoal de enfermagem em que uma das perguntas era se o candidato tem algum apadrinhador. E todo paciente que tem alta no hospital recebe uma cartinha dizendo que aquilo é uma contribuição de Reynaldo de Barros, o candidato do PDS ao governo”.

A exoneração de Walter Feldman causou impacto, dentro e fora da convenção do PMDB — mais ainda por atingir um profissional de reconhecida competência. Durante a semana, a Executiva Regional do PMDB e dezenas de entidades, sobretudo da área médica, reforçaram um movimento para exigir do prefeito Salim Curiani, dia 27, a reintegração de Walter.

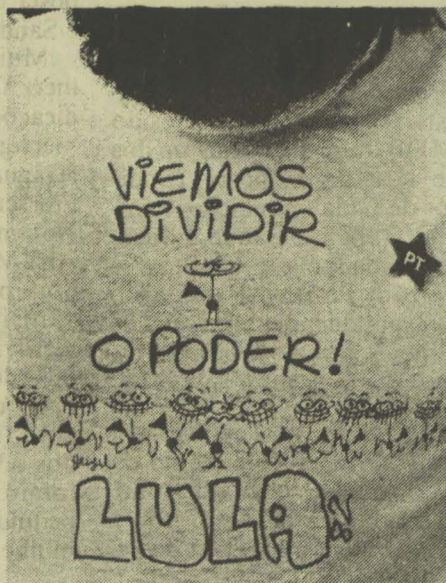
PT insiste em tratar PMDB como adversário principal na eleição

Dia 18, na Assembleia Legislativa de São Paulo, o Partido dos Trabalhadores realizou sua convenção estadual, seguida de uma festa com barraquinhas, música popular, comes e bebes.

O número de participantes, estimado pela grande imprensa entre 5 e 8 mil pessoas, não chegou a ser a demonstração de força que o PT desejava. Foram lançados apenas 43 dos 80 candidatos a deputado federal permitidos, e 75 em vez de 126 para a Assembleia Estadual. O partido levou em conta, no caso, suas modestas possibilidades eleitorais.

Diante disso, a direção do PT trata de abocanhar votos do PMDB. No dia 18, manteve suas baterias assediadas contra o que considera seu “adversário principal” nas eleições, atacando os “outros partidos ditos de oposição” e “em particular” os que “vão aos trabalhadores para se dizerem opositores, demagógicos, servidores do povo”.

Do ponto de vista das eleições, os resultados desta política, que têm sido negati-



Membro da PT veste a camisa da divisão

vos para o PT, são altamente positivos para o PDS paulista, que aposta tudo numa vitória eleitoral em 1982 para levar o inescrupuloso Paulo Salim Maluf à presidência da República em 1984. Abre-se assim a possibilidade do eleitorado opositorista, amplamente majoritário em São Paulo, não conseguir derrotar o PDS devido ao desvio de votos, em parte para o PT de Lula e em parte para o PTB de Jânio Quadros. Jânio faz este jogo conscientemente, para ajudar seu amigo Figueiredo. Porém não se esperava o mesmo de grande parte dos adeptos do PT, que alimentam um sincero sentimento de oposição ao regime militar.

Convenção do PMDB, reunião no Paraná

Cerca de 15 mil pessoas participaram da Convenção Regional do PMDB no Paraná, dia 18. Foi a maior reunião da frente de oposição já realizada no Estado. O amplo apoio de massa indica as reais condições de vitória nas eleições de novembro e o isolamento evidente do PDS no Paraná. A tônica da Convenção foi dada pelos discursos de dirigentes políticos e lideranças do movimento popular e democrático, que exigiram uma disposição de luta contra o regime e compromissos mais decididos com as tarefas mais importantes do PMDB: a conquista de amplas liberdades políticas e a convocação de uma Constituinte Livre e Soberana.

A Convenção homologou os nomes de José Richa como candidato ao governo e de João Elpidio para vice. As chapas de deputados federais e estaduais contêm nomes expressivos do movimento democrático, como Têlia Negrão, Nelson Friedrich, Hélio Duque e Heitor Furtado.

Para o Senado, a Convenção votou pela escolha de um único candidato, embora a



Alencar, pelo PMDB

PMDB de Sta. Catarina ameaça feudo do PDS

No domingo, 18 de julho, com a participação de mais de 3000 populares, foi realizada, em Florianópolis, a convenção do PMDB de Santa Catarina. Estiveram presentes artistas de teatro, cinema e televisão do Rio de Janeiro e São Paulo, e o presidente do PMDB Ulisses Guimarães.

Os 164 convencionais que votaram, referendaram por unanimidade a chapa composta na pré-convenção do mês de maio: Jaisson Barreto, João Linhares para vice e Pedro Ivo para senador.

Jaisson Barreto, em seu discurso, frisou a importância de “derrotar, na eleição de novembro, o governo e o PDS, já que são dezoito anos de regime militar que serão julgados pelo povo”. Analisou

Oposição capixaba quer deixar os generais nus

Mais de 3 mil pessoas compareceram dia 18 à Convenção Regional do PMDB, do Espírito Santo que escolheu o deputado Gerson Camata como candidato ao governo do Estado. O presidente do PMDB estadual, deputado Max Mauro, decidiu candidatar-se à reeleição, em vez de lançar-se para o Senado, como forma de fortalecer a unidade opositorista. E tornou-se assim o grande nome do dia, sendo ovacionado toda vez que se citava seu nome. Acredita-se que a 15 de novembro Max repetirá, em escala ampliada, a performance de 1978, quando foi o deputado federal mais votado do Espírito Santo.

Os candidatos populares

Itajú do Colônia exige fim do governo de fome

Com comício na praça Cordeiro de Miranda, encerrou-se dia 17 a convenção do PMDB no pequeno município de Itajú do Colônia, encravado no sul da Bahia, perto de Ilhéus. O candidato único do partido a prefeito, Florivaldo Varjão, egresso da Arena, denunciou de público o pacote da Previdência como “um furto ao bolso do assalariado”. Também o candidato a vice-prefeito,

disposição das bases fosse a utilização das três sublegendas como forma de garantir a unidade da frente, pela participação de representantes de correntes distintas do PMDB e, também, pelas vantagens eleitorais que o partido teria no enfrentamento ao PDS e sua principal liderança, o general Nei Braga.

LIMITAÇÃO AO PMDB

Acabou vitorioso o candidato Álvaro Dias, deputado federal mais votado nas últimas eleições, que tem sua origem no PP. A derrota de Alencar Furtado limita as possibilidades do PMDB, que assim prescinde de um nome extremamente popular e marcado pelo combate ao regime. Além disso, ficam os três candidatos majoritários com origem na mesma cidade, Londrina. Alencar Furtado é o nome do partido de maior penetração no eleitorado de Curitiba, o maior colégio eleitoral do Paraná.

Este resultado da Convenção significou a vitória dos setores mais conservadores do PMDB, representados pelas lideranças do PP e do próprio grupo de José Richa, cujo principal articulador é o deputado federal Euclides Scalco.

A corrente que apoiou Alencar Furtado, expressiva no PMDB paranaense, pretende agora um grau mais elevado de organização dentro da frente, constituindo um bloco popular e democrático capaz de fazer frente aos setores mais conservadores do PMDB. A candidatura de Alencar ajudaria esta tarefa no período eleitoral.

também a situação sócio-econômica e política de Santa Catarina, mostrando o endividamento e a corrupção desenfreada e que foi submetido nestes anos de opressão pelos governos oligárquicos das famílias Ramos Konder e Bornhausen.

Devido à política nefasta aplicada pelo governo, cresce o descontentamento em toda a parte e aparece concretamente a possibilidade das forças de oposição derrubarem, em Santa Catarina, mais um feudo do PDS. Há uma grande revolta dos trabalhadores urbanos e também dos pequenos e médios proprietários rurais — que compõem uma significativa parcela do eleitorado — que deixam o PDS para se incorporarem à oposição. (da sucursal)



O filho do deputado Adelmo de Oliveira, uma das vítimas da tortura na Bahia

Barrar o avanço do fascismo na Bahia

Dois fatos estão presentes na realidade política baiana: o crescimento dos métodos fascistas, através da ação violenta da polícia política; e a volta da tortura.

A tortura política, ao que consta, não se aplicava na Bahia há uns dois anos, desde a Anistia passada. Eu mesmo já fui preso durante 10 dias, e já respondi a 6 inquéritos, todos após a Anistia, e não posso dizer que tenha sido torturado.

Mas os acontecimentos da Associação dos Funcionários Públicos significam a quebra do respeito aos direitos humanos e políticos fundamentais: uma entidade foi invadida; cerca de 150 pessoas foram detidas sem justificativa ou ação judicial; prisões foram efetuadas e estes presos torturados. Não se pode dizer que as pancadas de hoje tenham a magnitude das torturas de ontem, mas não se pode esquecer que as torturas de ontem começaram com as pancadas de anteontem.

Portanto, para todo o movimento popular e democrático baiano um desafio está colocado: barrar o avanço da reação na Bahia, defender direitos que estão sendo reconquistados e, em particular, não transigir na defesa dos direitos humanos elementares.

Agora, caberia uma pergunta: Por que este tipo de coisa acontece na Bahia? Em primeiro lugar, porque a Bahia não é uma ilha. É um Estado de um país submetido a um regime policial, que se exacerba, mais ou menos, no tempo e no espaço, de acordo

com as conveniências e de acordo com o maestro. Em segundo lugar, na Bahia há uma reversão da expectativa eleitoral. A expectativa anterior era de uma grande vitória do PDS, e, em termos de Brasil, a Bahia seria o Estado mais importante em que o PDS ganharia. De algum tempo para cá, no entanto, esta expectativa foi invertida. A oposição se uniu e forjou uma ampla frente, com amplas condições de vitória. Por seu lado, a situação se dividiu, e as diferenças entre algumas de suas correntes começaram a crescer.

Por isso, duas linhas convergem para acentuar o quadro repressivo baiano no momento: a linha que vem do governo central, que tenta impedir o avanço opositorista na Bahia; e a linha que vem de Antônio Carlos Magalhães, que tenta a sua sobrevivência política. Na convergência destas duas linhas, entende-se a arbitrariedade perpetrada na Associação.

Está claro que os setores reacionários entendem como responsável destacado pelo nível de repulsa que o povo baiano chegou, o setor popular. Por isso, o alvo das investidas repressivas na Bahia é esse conjunto popular amplo. E a fúria dos repressores aumenta, quando, no quadro geral de uma atitude anti-fascista, eles encontram, ao lado das forças populares e em unidade política com elas, os setores democráticos e patrióticos de nossa gente.

(Haroldo Lima)

Figueiredo-Trudeau: um encontro inútil

O presidente Figueiredo, o ministro Delfim Netto, Otávio Aguiar de Medeiros, do SNI e vários outros ministros e tecnocratas completaram uma viagem turística de 5 dias no Canadá. Os resultados políticos e econômicos foram fracos. O tom geral das conversas com o primeiro ministro canadense, Pierre Trudeau, foi de pessimismo e desânimo.

Um dos principais objetivos da viagem — que não foi atingido — foi aumentar o intercâmbio comercial entre os dois países. Mas parece que a conversa foi difícil. Diante do Ministro Trudeau os importadores canadenses criticaram o violento protecionismo aplicado pelo governo daquele país. O Canadá aplica fortes taxas e cotas contra os produtos brasileiros, desde sapatos e produtos químicos até rodas de automóvel.

A resposta de Trudeau foi uma mistura de tragédia com comédia. Disse que a culpa não era dele. Os empresários canadenses faziam pressão e seu governo está muito fraco. Disse que o Canadá atravessa uma crise econômica violenta, com desvalorização da moeda, desemprego acima de 10% e elevadíssimas taxas de juros.

Nesse momento Figueiredo se sentiu solidário, queixou-se da crise mundial. E os dois passaram a chorar as pitangas. Mas são lágrimas de crocodilo. Os dois mandatários representam governos comprometidos com os norte-americanos. As grandes empresas norte-americanas dominam mais da metade da economia canadense. Recentemente, foi a própria Exxon canadense — filial da maior empresa do mundo, que é norte-americana — que investiu contra uma pequena firma baiana produtora de sisal. Esta exigindo investigações com o objetivo de aumentar a taxação do sisal.



Figueiredo e Trudeau choram as mágoas da crise mundial

MAIS DÍVIDAS E DEPENDÊNCIA

Já é bem antiga a dependência de nossa economia aos trustes canadenses, que apesar de muito menor que a norte-americana, é expressiva. O caso mais conhecido foi o da Light, que hoje se chama grupo Brscan e já foi chamada pelos patriotas de polvo canadense. Hoje o grupo está mais ligado ao setor financeiro e de mineração.

Nessa visita foram assinados alguns empréstimos, em torno de 200 milhões de dólares, que mais aumentam nossa dívida externa e também prejudicam nossa balança comercial. Pois a maioria dos empréstimos é apenas um tipo de crédito ao consumidor. Ou seja, é concedido para a compra pelo governo brasileiro de mercadorias canadenses.

Manobra na Pró-CUT adia Conclat

Depois de muito vaivém e inúmeras manobras, a Comissão Nacional Pró-CUT, reunida em Brasília no último dia 17, decidiu adiar o Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat) para o ano que vem.

Conforme decisão da Pró-CUT no dia 5, o Conclat seria em agosto deste ano e a reunião do dia 17 era para dar encaminhamento aos seus preparativos. Mas, desrespeitando esta decisão, alguns sindicalistas propuseram rediscutir o adiamento, no que foram vitoriosos.

Pesou bastante nesta discussão um documento assinado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais (Contag) e por 19 Federações. No documento "Porque decidimos não participar do Conclat e somos pelo seu adiamento", os dirigentes sindicais rurais consideram o Congresso este ano "inviável e inoportuno". Entre outros argumentos, alegam que por estarmos "às portas das eleições de 15 de novembro, há um grande risco de partidarização do Congresso".

MUITA VACILAÇÃO

Contribuiu também para o adiamento do Congresso um documento

Toda atenção à reunião de setembro

Honestos sindicalistas, comprometidos com os trabalhadores, perguntam-se o que fazer agora frente a postura imobilista da Pró-CUT. Uma coisa é certa: entrar na canoa furada da divisão, da articulação do "Conclat em 82 a todo custo", só debilitaria o movimento sindical.

Questão fundamental é não subestimar a reunião de setembro. Ela será o fórum real e possível para os trabalhadores darem uma resposta política à ofensiva patronal e à questão eleitoral. Também discutirá a renovação da Pró-CUT. Os Estados devem indicar sindicalistas consequentes para reunião, não a deixando na mão dos pelegos e divisionistas. Inclusive na perspectiva de preparar um Conclat unitário e combativo.

Outra atitude que contribui para clarear a situação do movimento sindical é protestar contra o adiamento, não deixar esta postura antidemocrática impune. Se cada categoria criticar a manobra nas suas assembleias e reuniões, e os Enclats tirarem posições de repúdio, os oportunistas terão menos espaço no meio sindical.



Os cinco mil delegados da Conclat da Praia Grande tiveram sua decisão desrespeitada pela Pró-CUT

elaborado pela Intersindical do Rio de Janeiro, assinado por vários sindicalistas, entre eles Jorge Bittar, presidente do Sindicato dos Engenheiros e militante do PT. E a posição de várias Federações de trabalhadores paulistas, articulados pelo cupulista Arnaldo Gonçalves, que recusaram-se a participar do Conclat, numa atitude claramente divisionista.

Foi sintomática também a ausência de lideranças sindicais do PT, como Lula. Ele, que durante todo tempo teve uma posição vacilante, ora defendendo ora atacando o Conclat em 1982, preferiu não comparecer à reunião, alegando "compromissos eleitorais". Por outro lado, não se pode deixar de criticar a não presença na reunião de dirigentes sindicais que desde o princípio se destacaram na defesa intransigente dos anseios dos trabalhadores e da data do Conclat.

Com todo este fogo cerrado contra o Congresso, somado a estas omissões, a votação final não causou estranheza. Dos 35 membros da Pró-CUT presentes, 26 — na maioria da área rural, mas também o cupulista Arnaldo Gonçalves e os petistas Armando Rolemberg e Jorge Bittar — votaram pelo adiamento. Quatro se abstiveram. Dois se retiraram do plenário. E somente Edvaldo Gomes, do Sindicato dos Eletricistas de Pernambuco, votou pelo Conclat em agosto.

AVENTURA SINDICAL

A decisão da Pró-CUT causou imediata revolta no meio sindical (ver quadro). Os argumentos contrários ao Conclat não convenceram ampla parcela dos trabalhadores. Exatamente por ser um ano eleitoral, os trabalhadores necessitam se reunir para tirar uma posição unitária de luta contra o governo e seu partido, o PDS. Além do que existem assuntos sindicais de mais alta importân-

Enclats repudiam ato imobilista

A prova maior do erro da Pró-CUT é que, no mesmo dia em que ela decidia adiar o Conclat, vários Encontros votavam pela manutenção da data. No Rio Grande do Sul, o maior dos Encontros das Classes Trabalhadoras (Enclat) já realizado decidiu, por ampla maioria, realizar o Congresso em agosto. Ao saberem da notícia do adiamento, os 580 delegados do Enclat repudiaram a atitude da Pró-CUT e condenaram os representantes do Estado na Pró-CUT — Orgênio Rott e Lauro Hagemann — que votaram pelo adiamento. Numa atitude incorreta alguns sindicalistas chegaram a propor a realização do Congresso de qualquer jeito.

Também o Enclat da região paulista de Ribeirão Preto repudiou a decisão da Pró-CUT. Os cem sindicalistas presentes ao encontro criticaram a Comissão, que nada fez para encaminhar as resoluções da Conferência da Praia Grande. No Enclat de São José dos

Campos, a posição foi a mesma. "A Pró-CUT não cumpriu com seus deveres, não fez nada para unificar os trabalhadores contra as medidas antipopulares do governo. Não tinha o direito e nem o poder para adiar o Conclat", afirma João Bosco, escolhido para compor a Comissão Intersindical da região. Os trabalhadores de São José decidiram também continuar a encaminhar a luta unitária, através da Comissão criada.

Já a Comissão Nacional Pró-CUT de Goiás, reunida no dia 20, criticou a atitude antidemocrática da Pró-CUT. Em nota de protesto, ela diz: "Todos aqueles que trabalham para dividir e frear o avanço do movimento das classes trabalhadoras, com atitudes que só servem aos patrões, não conseguirão jamais impedir o crescimento da mobilização dos trabalhadores rumo à conquista dos nossos interesses de classe".

(das sucursais)

cia a serem discutidos. Os trabalhadores precisam deliberar como desenvolver uma campanha nacional contra a ofensiva patronal e do governo, que planeja acabar com o reajuste semestral e arrochar mais ainda os salários; e como barrar a investida do governo de adiar por até 15 anos o tempo de aposentadoria.

O adiamento trouxe resultados nefastos. Alguns sindicalistas do PT já falam em realizar um Conclat a todo custo este ano, à revelia da Pró-CUT. Aproveitando-se da brecha, estes setores que também quase nada fizeram pelo Conclat, procuram agora quebrar a débil unidade atual

em torno da Pró-CUT, realizando um encontro paralelo. Pura aventura, sem condições de se realizar com qualquer representatividade. Na prática, seria apenas articulação de uma facção do movimento sindical.

Agora, o próximo passo é a reunião convocada pela Pró-CUT para os dias 11 e 12 de setembro, em Brasília, onde se discutirá a reorganização da Pró-CUT e a preparação do Congresso no ano que vem. Cada Estado poderá indicar mais três sindicalistas para participar desta reunião. Nela, concretamente, se definirá o rumo do movimento sindical. (Altamiro Borges)

Falência da Misator deixa 200 sem emprego

Primeiro foi a Coferraz. Agora é a Misator S.A. Indústria e Comércio que fecha suas portas e deixa seus mais de 200 operários sem salários e sem emprego. Antiga infratora da legislação trabalhista, a Misator sempre contou com o apoio da omissão do governo em fiscalizar e exigir o cumprimento dos direitos dos trabalhadores. No dia 15 de junho último foi decretada a falência da indústria e os operários, que não recebiam seus salários desde o mês de maio, viram-se impedidos de entrar na empresa e sem nenhuma assistência social.

AÇÃO NA JUSTIÇA

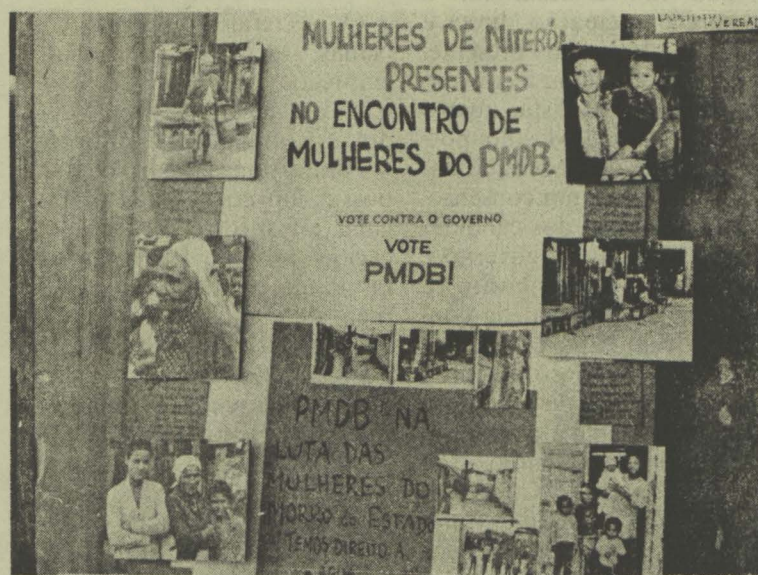
No dia 17, mais de 100 funcionários da Misator reuniram-se no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo para saber da ação coletiva que impetraram contra a empresa na Justiça do Trabalho. Ailton P. da Silva, há 3 anos ferreiro da Misator, queixa-se: "há 2 anos que a empresa vem atrasando nossos salários, e nunca pagou multa por isso. Agora com a falência, não sei dizer quando vou ver dinheiro na minha frente. Precisar a

gente precisa. Mas a lei só ajuda os patrões".

De fato, o processo trabalhista contra a empresa promete ser longo, e os trabalhadores não são prioridade, pelas leis do governo. Em razão da falência, o primeiro crédito da Misator será com o INPS, e somente em segundo lugar virão os empregados.

A Misator sempre perseguiu seus funcionários que desenvolvessem atividades sindicais. A empresa não pagava todas as horas extras prestadas pelos operários, nem o INPS, e nem depositava o Fundo de Garantia. E os operários demitidos nunca receberam seus direitos em ordem, sempre tiveram que recorrer à Justiça Trabalhista, onde eram pressionados a fazer acordos em que saíam prejudicados.

Assim, contando com a impunidade e o acobertamento dado pelo governo, a Misator é mais uma empresa que fecha suas portas e deixa os trabalhadores no desamparo. Eles engrossam as filas dos desempregados, vítimas da política econômica e social do governo militar.



As mulheres reforçam a campanha do PMDB no Rio de Janeiro

Mulheres se reúnem no Rio para apoiar PMDB

No dia 18 de julho, realizou-se no Clube Municipal, no Rio de Janeiro o I Encontro de Mulheres do PMDB, com a participação de cerca de mil pessoas. A Comissão organizadora de 12 mulheres, que foi ampliada durante o encontro, está de parabéns pelo fato de ter dado continuidade ao movimento de mulheres, que nos últimos anos tem conquistado vitórias. Estas conquistas foram comemoradas na abertura do encontro, com homenagem às sufragistas que participaram da luta pelo voto feminino, conquistado em 1932. D. Maria Sabina, com 86 anos, que foi sufragista desde 1928, disse "Mulheres, não fiquem em casa no dia das eleições. Votem com consciência, informadas de seus direitos, não basta votar em mulher. É preciso que a mulher seja digna".

Em seguida foi lida a proposta política das mulheres do PMDB do Rio. A cada um dos sete itens da proposta: condição de vida, condição feminina, Trabalho, Saúde, Educação, Cidadania e direitos, e Posição Político-Partidária; corresponde a depoimentos de mulheres, atingidas pelas questões.

Lídia Sales, mãe de 11 filhos, do departamento feminino da favela Indiana, que falou sobre as condições de vida, foi a única mulher aplaudida de pé.

Ela emocionou o plenário com o relato de sua comunidade sem água e esgoto, junto a edifícios luxuosos da Tijuca.

A chegada de Miro Teixeira e de sua comitiva no final da tarde, empolgou o plenário. Ao final falaram Eleonora, mulher de Miro, os candidatos a vice-governador, Jorge Gama e ao senador, Mário Martins e Artur da Távola. Por último, fechando o encontro discursou Miro Teixeira, candidato do PMDB ao governo do Estado. Ele afirmou: "Não é importante apenas eleger mulheres, mas mulheres identificadas com a luta das mulheres. Porque muitas candidatas são indignas até da condição humana, pelos favelados que removeram ou pelos mendigos que mataram". E veio a resposta da platéia: "Fora Delfim e Sandra Cavalcanti!".

Muitas músicas sobre a mulher, faixas com suas reivindicações, painéis como homenagem às guerrilheiras do Araguaia, deram ao encontro um sentido de luta e de festa. No entanto, de acordo com Ana Muniz, candidata a vereadora por Niterói, faltou maior participação de mulheres no plenário, pois não houve grupos de debate. Vitória Grabois, da Comissão Organizadora, se queixou da ausência dos 33 ônibus prometidos. Só foram fornecidos 6 ônibus, impedindo que a previsão de 3 mil mulheres se realizasse.

Operários da Nitrofértil estão em greve de fome

Na Bahia 680 operários da Nitrofértil entraram em greve de fome, a partir do dia 21. A decisão foi tomada porque a direção da empresa não aceita a convenção coletiva de trabalho, alegando que não é obrigada, pois é estatal e fica subordinada ao Conselho Nacional de Política Salarial (CNPS). Os trabalhadores, reunidos no Sindiquímica, decidiram esta greve por considerarem que são eles que decidem sobre seus índices salariais, através de seu Sindicato e em convenção.

Segundo um dos operários da Nitrofértil, "esta greve é muito importante, pois além de mostrar a união dos trabalhadores na luta por seus direitos e reivindicações, abre caminho para a nossa vitória na campanha salarial deste ano, que terá a sua primeira assembleia no próximo dia 25, no Sesi do Retiro. A União dos trabalhadores é necessária para se conquistar uma sociedade justa, sem explorados e exploradores, concluiu.

(da sucursal)

Coneb comprova o crescimento da UNE

A reunião do Conselho de Entidades de Base da União Nacional dos Estudantes (Coneb da UNE), realizada em Belo Horizonte, foi a maior da história da UNE, com 638 entidades. A reunião mostrou que a UNE está com sua representatividade em constante crescimento. Mas a atuação divisionista de estudantes ligados ao PT impediu que o Coneb desenvolvesse satisfatoriamente seus trabalhos. Nem a pauta da reunião foi cumprida, devido aos divisionistas.

O grande fator do Coneb foi o expressivo número de entidades participantes, e a presença de muitas lideranças novas dos estudantes. Mas, "devido à ação de elementos divisionistas, o Coneb acabou não cumprindo a sua pauta previamente estabelecida", conta Valter Dantas, vice-presidente da regional nordestina da UNE. "Com isso, os estudantes deixaram de discutir a campanha contra a expulsão e pela naturalização de Francisco Javier; a campanha pelo ensino público e gratuito; o posicionamento dos estudantes de voto na oposição para derrotar o governo e o PDS; e o apoio aos povos palestino e libanês".

CONGRESSO CONVOCADO PARA AGOSTO

O Coneb acabou aprovando a luta contra qualquer aumento nas mensalidades das escolas particulares no 2º semestre. "Uma proposta equivocada", diz Clara Araújo, do Departamento Feminino da UNE, "pois não leva em conta as disparidades



Universitários apóiam a luta do povo palestino, durante o Coneb

existentes de estado para estado e coloca uma camisa de força na mobilização estudantil". Foi aprovada ainda a luta nas escolas públicas contra o reajuste semestral no preço dos bandejeiros, e a realização da Semana em Defesa de Javier e Comemorativa dos 45 anos da UNE, de 9 a 14 de agosto.

O Congresso da UNE ficou convocado para os dias 24, 25 e 26 de setembro, em local ainda a ser definido. "Esse Congresso deve ser marcado pela luta contra o ensino pago, pela campanha para derrotar o governo e o PDS nas eleições, e pela garantia da unidade da UNE, contra o divisionismo e o sectarismo".

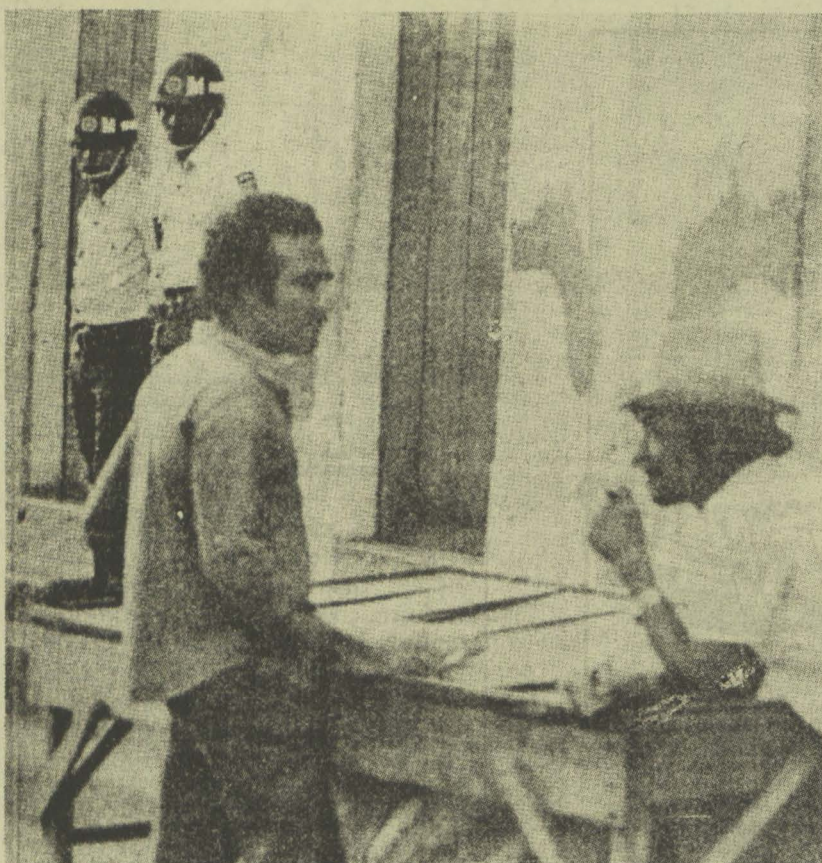
importante preparar desde já a participação dos estudantes, em todos os estados, no Congresso da UNE. É a garantia de um Congresso amplo e democrático", concluiu Clara Araújo.

AÇÃO DIVISIONISTA PREJUDICA O CONEB

"A ação de elementos divisionistas, ligados ao PT, prejudicou em muito o Coneb", denuncia Tomaz Beltrão, da UEE de Alagoas. "Na abertura da reunião eles já impediram o pronunciamento do representante do PDT, que foi saudar o Conselho. E quando o senador Tancredo Neves, do PMDB, foi expressar seu apoio à UNE, os divisionistas tentaram inclusive agredi-lo fisicamente. Tais atitudes ferem o passado democrático da UNE, que se caracteriza pela livre expressão de idéias e debate político".

Outra atitude anti-democrática foi em relação à Organização pela Libertação da Palestina. O representante da OLP no Brasil, Farid Sawan, foi ao Coneb denunciar o genocídio que seu povo vem sofrendo por parte de sionistas israelenses. E diante da total indiferença da bancada divisionista, Sawan não se conteve e disse: "Companheiros do PT,

Não entendo o comportamento de vocês, negando-se a manifestar, como faz todo este plenário, em apoio ao nosso povo. Saibam vocês que o presidente do PT enviou uma carta de apoio ao nosso glorioso líder, Arafat. Isso me faz duvidar se vocês realmente apoiam ou não a causa palestina".



A PM vigia flagelados em Serra Talhada; agora será o Exército

Exército na zona da seca

O Exército está intervindo diretamente no interior do Nordeste, na região atingida pela seca, desde dia 15 de julho. Agora é o Exército quem está administrando as obras contra a seca em todos os Estados atingidos, na maioria dos municípios. A intervenção do Exército ocorre em 31 municípios da Paraíba, 25 de Piauí, 28 do Ceará, e na região do Vale do Rio Pajeú, em Pernambuco.

A intervenção militar está sendo feita sob o argumento de conter a corrupção e o roubo, pelos chefes políticos locais, das verbas destinadas ao pagamento dos trabalhadores nas obras de emergência contra as secas. Aliás, a corrupção está sendo muito grande. Quase não passa dia sem que surjam novas denúncias.

Dias atrás, o bispo de Afogados de Ingazeiras, em Pernambuco, fez graves denúncias contra prefeitos e políticos do PDS que se enriqueceram com as verbas destinadas aos trabalhadores atingidos pela seca. A corrupção é tão generalizada que o próprio superintendente da SUDENE, Valfrido Salmito, admite, em conversas informais, que as verbas são sistematicamente desviadas. Conta que na Paraíba uma só família de latifundiários tinha 62 de seus membros alistados nas frentes de emergência, e que dois funcionários da Emater foram assassinados por tentar denunciar roubos desse tipo, além de outros funcionários que tiveram suas vidas ameaçadas.

O VERDADEIRO MOTIVO

Mas o combate à corrupção não é o verdadeiro objetivo da intervenção do Exército na zona da seca. Pelo contrário, é notório que nunca a corrupção foi tão grande no país, como depois que os generais deram o golpe em março de 1964. Segundo notícias que correm nos meios oposicionistas nordestinos, as próprias

autoridades admitem que a intervenção se deve a três motivos:

1) A agitação dos trabalhadores rurais, por causa da seca e por terem sido suspensas as frentes de emergência em maio passado, vem num momento altamente perigoso para o governo. Não somente por ser um ano eleitoral em que o governo se sente ameaçado de derrota nas urnas, mas também por causa do agravamento da crise econômica e social. As autoridades estariam considerando este segundo semestre de 1982 como o período mais perigoso e explosivo que o país teria vivido nos últimos anos. E, no Nordeste, as invasões de trabalhadores famintos seriam um fator importante de desestabilização, além de servir de campo favorável à atuação dos candidatos da oposição.

2) O governo considera que a situação fica mais grave porque, ao contrário de anos anteriores, quando o movimento sindical rural quase não existia para orientar os trabalhadores flagelados, este ano o movimento sindical está muito ativo e conseguindo influenciar as massas rurais.

3) Setores da Igreja Católica adotam uma nova atitude diante dos flagelados. Em vez de aconselhar a acomodação, estimulam suas reivindicações.

Tudo isso forma uma quadro explosivo, que o Exército pretende abafar com sua presença nas áreas de conflito.

Com o estouro da inflação os grandes empresários, chefiados por Luis Vidigal e Mário Garnero, estão propondo uma medida de emergência: uma Frente Antiinflacionária Governo-Empresário. A tática é tentar dar uma trégua de três meses na inflação, para ajudar o governo nas eleições.

Como disse o Sr. Mário Henrique Simonsem, homem do City Bank na cúpula do sistema financeiro brasileiro, assessor do Sr. Vidigal na Federação dos Indústrias de São Paulo e um dos grandes acionistas da Volkswagen: "uma trégua nos preços, para respirar um pouco é muito útil".

O presidente da Ford Motor do Brasil, Roberto Guerriti, também traz seu poderoso apoio para a manobra. Segundo ele, "a indústria automobilística tem condições de segurar os preços por dois ou três meses, mas depende também dos fornecedores".

Delfim Netto, o super-ministro do Planejamento, diz que no segundo semestre até o Serviço Nacional de Informações será acionado para conter os gastos das estatais. E insinua que mesmo que as empresas tenham que cortar

funcionários, serão obrigadas a entrar nos eixos.

NÃO DÁ PARA CONFIAR

O pacto que esses empresários estão propondo é que nem colocar cachorro para vigiar linguça ou empregar um bandido para proteger uma carga de ouro. O Sr. Simonsem representa o capital financeiro, que alimenta a inflação com explosivas taxas de juros, acima de 150% e chegando, em alguns casos, a 306% — segundo denúncias de associações comerciais. O presidente da Ford, o Sr. Vidigal e o Sr. Garnero são ligados aos grandes monopólios, particularmente da indústria automobilística, que só no primeiro semestre aumentou seus preços na base de 70% (veja o quadro ao lado). E o próprio governo não merece confiança. Os serviços públicos encareceram mais que os outros. As tarifas de energia elétrica, por exemplo, sobem 6 ou 7% acima da inflação. Como essas forças, elas mesmas responsáveis pela inflação no Brasil, vão combatê-la?

O MEDO DAS URNAS

A explicação está nas eleições. Elas passam a ser a maior dor-de-cabeça dos grandes empresários, preocupados em não perder a mamata atual. Luiz Eulálio de Bueno Vidigal, dirigente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo é categórico: "O momento não é político, é ideológico". Na sua opinião, "o resultado das eleições de novembro pode complicar o futuro do país. Existe o risco de termos uma maioria no Congresso nacional que não aceite a livre iniciativa; se isso acontecer, o futuro do Brasil está comprometido".

Naturalmente, Vidigal sabe de sobre que o confronto eleitoral deste ano não será entre a "livre iniciativa" capitalista e o socialismo. Mas sabe que será entre a oposição, inclusive a operária e popular, e o governo antiooperário e antipovo.

O verdadeiro objetivo de toda essa movimentação fica claro nas

O que sobe

reajustes salariais	40%
carne	100%
cafezinho	133%
pãozinho	100%
leite	58%
manteiga	158%
batata	44%
Volks 1300 e Corcel II	70%
Conta de luz	44%
Cigarros	97%

Enquanto o INPC, calculado pela turma do Delfim, e que serve de base para os reajustes semestrais, ficou em torno de 40% no semestre, a inflação medida pela Fundação Getúlio Vargas passou dos 47%. Só essa diferença já mostra que os salários não estão causando inflação. Além disso começaram a ser cobradas as novas contribuições para cobrir os furos do INPS. Quer dizer: nem os 40% do INPC estão sendo aplicados. Aumentos até agora, só desde janeiro de 1982.

Libertos os 13 presos da Bahia

Num clima de grande alegria, foi recebida a notícia da libertação dos treze presos políticos de Salvador, dia 19 de julho. Cerca de 300 pessoas estavam reunidas na sede do PMDB quando um dos presos telefonou, dizendo que estavam todos soltos. A notícia foi recebida por Ana Guedes, Presidente do Comitê de Anistia e Direitos Humanos.

Imediatamente os companheiros, que ficaram detidos durante dezenove dias, se dirigiram para a sede do PMDB onde foram homenageados pelos presentes com aplausos e discursos.

A advogada Ronilda Noblat declarou saber "os motivos reais que levaram a polícia Federal a suspender a prisão". O certo é que as coisas continuaram acontecendo como nos últimos dias. A advogada alegou que "os treze presos foram libertados, é verdade, mas ainda não se sabe os motivos da prisão, quanto mais os motivos para suspendê-la. A prisão era, sob todos os aspectos arbitrária, não tinha nenhum amparo legal".

TORTURA E TERROR

Às dez horas do dia 20, os ex-presos concederam entrevista coletiva à imprensa, na Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado da Bahia (AEBA). Os treze companheiros fizeram um relato chocante, principalmente sobre os primeiros cinco dias em que ficaram na delegacia do Beiru.

Lourival (Vice-Presidente da

Associação dos Agrônomos da Bahia): "Eu fui barbaramente torturado. Estava na Associação dos Funcionários Públicos quando todos aqueles policiais chegaram espancando as pessoas que viam pela frente. Fui apanhado pelos agentes e empurrado escada abaixo do auditório. No Beiru ficamos seis horas de pé contra a parede. Até as sete horas da manhã ficamos sentados ao relento, tomando chuva. Logo após, fomos obrigados a assinar um mandato de prisão debaixo de porrada".

Nivaldino (Funcionário Público): "Quando eu fui preso no auditório, o PF falou 'Esse negro forte aguenta porrada. Leva ele'. Na parte de baixo da Associação fui muito espancado. Eu e o Roque sofremos muitas humilhações por sermos negros. Fiquei três dias sem tomar banho, porque queriam que tomássemos banho com a mesma água, que estava suja com fezes de rato. Ficamos incomunicáveis e passamos fome".

Marcos (dirigente secundarista): "O clima foi de selvageria. Os advogados que estavam na Associação na hora não foram respeitados. Logo que chegamos nos colocaram de cara para a parede. Um dos policiais começou a ler o Livro de Guerrilha e a fazer cachotas".

Cid Lima: "Eu também fui espancado. Tomei um cachacão do delegado porque recusei-me a assinar o mandato de prisão. Tive desintéria, como os outros companheiros, porque a comida era terrível. Caldo de feijão com caldo de quiabo. A cela em que ficamos era pequenissima e tivemos de evitar fazer nossas necessidades, caso contrário poderíamos até ficar sufocados pelo fedor.

Liège (do Movimento de Mulheres): "Na prisão, só tomei banho três dias depois. A água era a mesma dos bichos. Fiquei numa cela escura no Beiru durante cinco dias, apesar de pedir luz todos os



Na opinião de Simonsem é o trabalhador que deve pagar o pacto

Defender o reajuste semestral

Sempre que os patrões e o governo procuram organizar algum tipo de frente, é para pegar os trabalhadores pelas costas. É isso que podem esperar os assalariados após as eleições. Estamos vivendo uma profunda crise econômica, política e social. Quem criou essa crise não foram os trabalhadores. Uma solução verdadeira e duradoura só pode virar se contar com a participação direta dos trabalhadores.

O regime implantado a partir de 1964 teve que arrebanhar os

sindicatos e organizações políticas da classe operária e agora prepara-se para mais uma investida, mais um aperto salarial.

Para os trabalhadores, não resta outra solução senão a união e a luta. Nas fábricas, fazendas e empresas, nas urnas e nas ruas. O momento é grave. Não se pode adiar a unificação dos trabalhadores. O atual reajuste semestral, apesar dos seus defeitos, incorpora conquistas do surto grevista de 1978-79. Deve ser defendido.

palavras dos monopolistas brasileiros, ou mesmo nas declarações do Sr. Butcher, presidente do Chase Manhattan Bank, um dos maiores do mundo. Segundo essa poderosa corrente de opinião, é preciso retirar os reajustes automáticos que realmente a inflação. Querem acabar com o reajuste semestral dos salários e com os 10% acima do INPC para os que ganham até 3 salários mínimos. Além disso querem uma nova onda recessiva, depois das eleições.

Mas é muito difícil que esse pacto se realize. A crise foge ao controle até mesmo dos grandes monopólios. A economia mundial, paralizada, não tem esperanças a curto prazo. O governo está com

furos nos orçamentos e cria novos impostos. Finsocial, imposto sobre venda de imóveis, etc. Chega ao ponto de aumentar a gasolina em 5% para atender aos interesses dos grandes produtores de açúcar e álcool. O açúcar vai para 93 cruzeiros o quilo, porque as exportações no primeiro semestre tiveram uma queda de 61% em valor. Chegamos a uma triste situação. Um europeu que compra um quilo de açúcar brasileiro paga 48 cruzeiros. A gasolina é outro escândalo. No Paraguai, que importa gasolina do Brasil, o combustível é vendido a 40 cruzeiros o litro. A situação é desesperadora até para alguns setores das classes dominantes.

(Luiz Gonzaga)

O culpado é o governo

A Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e as Federações de Trabalhadores na Agricultura emitiram uma nota dia 17 denunciando "a insensibilidade do governo às reivindicações dos trabalhadores" das áreas atingidas pelas secas, o que "fez com que a situação se tornasse ainda mais crítica nos últimos dois meses".

"Resolveu o governo — diz a nota — desativar indiscriminadamente as frentes de trabalho em todo o Nordeste, sem levar em consideração as condições efetivas dos trabalhadores para reiniciarem sua atividade agrícola. "Em várias áreas onde as chuvas permitiam a retomada da atividade agrícola, os bancos oficiais negavam-se a liberar recursos para crédito de custeio. Além disso, os trabalhadores não foram liberados nas frentes de serviço na época própria para o plantio, a aquisição das sementes não foi viável para o trabalhador, o acesso ao crédito foi dificultado pela burocracia".

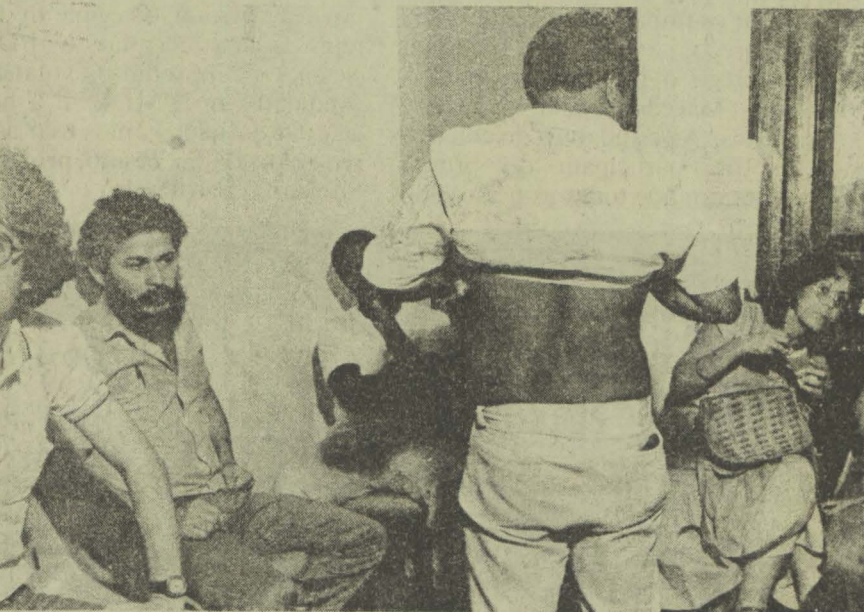
REFORÇO AO LATIFÚNDIO

A Contag reafirma "a ligação entre o agravamento do problema da seca e a política governamental para a região,

que tem reforçado a concentração da propriedade da terra e tornado a população trabalhadora rural mais exposta aos efeitos da irregularidade de chuvas.

"Pelo menos 35 municípios do Piauí, 100 do Ceará, 50 de Pernambuco, 100 do Rio Grande do Norte, 100 da Paraíba, além de várias áreas dos estados de Alagoas, Sergipe e Bahia, encontram-se sem qualquer produção. Em muitos outros municípios, a produção foi de menos da metade dos anos normais. Centenas de milhares de famílias que vivem do trabalho na terra estão com sua subsistência comprometida", continua a nota.

Após denunciar que o governo prefere "enxergar no desespero dos trabalhadores a ação de agitadores ou fazer acusações ao Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais", a Contag afirma que a responsabilidade pelas invasões e saques "cabe única e exclusivamente à imprevidência do Governo. O papel dos Sindicatos é apontar essa responsabilidade aos trabalhadores e mostrar que a maneira mais eficaz de enfrentar o problema não são as ações desesperadas, mas a pressão organizada e crescente, capaz de levar o governo a rever a sua política".



O operário Roque, mostrando as marcas da tortura em suas costas.

dias. Fiquei numa cela separada e não sabia nem quem eram os outros presos, só o Cid e o Giovanni, por que estavam no mesmo camburão. Eles pensavam que eu estava grávida e me fizeram dois planetestes".

Roque (operário metalúrgico): "Eu fui muito espancado. Tomei pau o tempo todo. Tomei chutes nos rins e cheguei a urinar sangue. Sou um operário metalúrgico, que trabalha, e eles disseram que eu era segurança do Haroldo Lima e Arthur de Paula. Fui tão discriminado que um agente que era negro não teve coragem de olhar para minha cara. Eles me batiam a todo momento e eu dizia: 'Pode bater que sou homem'. Notei que eles se sentiram fracos quando não baixei a cabeça. Cheguei até a tomar choque elétrico nas costas e apagaram diversos cigarros nas minhas costas, que tenho marcas até agora.

Walter (Vice-presidente do Sindicato dos Químicos): "Fui sequestrado na rua. Tomaram a chave do meu carro e me levaram. Quando fomos tomar banho, éramos cercados por homens armados de metralhadora".

Fernando (comerciante): "Fui muito torturado. Colocaram até uma bexiga em meu ouvido e disseram que iam estourar meus

miolos. Na Polícia Federal pisavam em minha mão e me davam tapas, murros e pontapés".

Cid (secundarista): "Eu também apanhei muito. O delegado Joel me deu um pontapé nos testículos e me apontou como agressor de um agente".

Os treze foram unânimes em afirmar que um agente provocador foi o pivô de tudo. Os policiais disseram que ele estava em estado de coma por ter sido agredido na associação. Ele trabalhou durante todos os dias e se destacou como um dos maiores torturadores e provocadores. Os interrogatórios a que os presos foram submetidos, pouco versaram sobre o fato em si. Basearam-se nas afirmações sobre a participação dos prisioneiros no Partido Comunista do Brasil.

VITÓRIA CONQUISTADA

Ana Guedes, comentando a soltura dos presos, disse: "Essa foi uma vitória do movimento popular, da opinião pública baiana, brasileira e até mesmo internacional, pelas moções e apoios que recebemos. No entanto, mesmo soltos, os companheiros estão ameaçados de enquadramento na Lei de Segurança Nacional. A nossa luta continua. Precisamos de uma vitória total".

(da sucursal)



Liège, cinco dias numa cela escura.

Barra do Garças mais uma vez vai dizer não ao PDS

Em Barra do Garças, curral do latifúndio do Araguaia, o PDS quer ganhar as eleições de qualquer jeito. Para isso usa o que pode e o que não pode. Preocupados com o sentimento antigovernista do povo, eles fazem manobras de todos os tipos. Nas eleições passadas nós demos neles um show de votos. Para se ter uma idéia, fizemos o prefeito e sete vereadores de uma câmara de onze.

Para tentar dobrar os eleitores, eles colocaram seus candidatos a vereadores e prefeito em postos-chaves. Dr. Carolino, candidato a prefeito, é chefe da Unidade Sanitária de Barra do Garças. Só que ao invés de ganhar votos eles estão é perdendo o que já tinham. Para se conseguir tirar uma carteira de saúde gasta-se em média 20 dias. Remédios só saem para os cabos eleitorais.

Na prefeitura e no Cetremi também não é diferente. Ali há uns quatro candidatos a vereadores e cada passagem ou receita que doam, a cantada do voto é certa. Na LBA o coordenador também é candidato e o leite em pó só é distribuído com o compromisso do "apoio".

Mas o pior mesmo é com as 500 unidades de casas populares que estão sendo construídas. Para

começo de assunto o projeto está pronto desde 1980 e só agora (quatro meses antes das eleições) é que começou a entrega. A Cohab nomeou o primo do prefeito adesista Wilmar Peres de Farias como "fiscal" da obra. Ele também é candidato a vereador do PDS. Com relação a emprego, o operário primeiro tem que pedir a apresentação do tal fiscal e para conseguir adquirir a aquisição da casa também tem que passar por ele. Não estão respeitando nem as inscrições que já foram feitas desde 1979.

Isto é uma bruta pouca vergonha, pois todos esses órgãos que citei são mantidos pelo povo trabalhador e não podem ser usados por meia dúzia de calajestes do PDS, que querem ganhar as eleições em cima da miséria e do sofrimento dos trabalhadores.

Mas, isso tudo terá fim. Vamos eleger o padre Raimundo Pombo para governador, Alcídio Rodrigues (Bodoque) para prefeito e os candidatos a vereadores mais comprometidos com a defesa dos interesses dos trabalhadores, no partido das oposições que é o PMDB. (Divino Eterno da Silva, vice-presidente da Associação dos Trabalhadores da Construção Civil — Barra do Garças, Mato Grosso).

Universitários vão aos bairros e vêem miséria

Vários universitários estão realizando, aqui em Sorocaba, um projeto de atendimento à população de bairros de periferia, com o Jardim Zulmira, Itanguá, Vila Nova Sorocaba e Vila Barão. E o que eles estão encontrando é bem o reflexo dos vários anos de ditadura militar e de exploração impiedosa dos assalariados brasileiros. Uma universitária denunciou que a subnutrição é constante nesses bairros, onde é grande o número de barracos. "Uma senhora chegou a passar mal pelo simples fato de ter tomado um analgésico", disse ela.

O número de desempregados também é muito grande, e suas famílias são obrigadas a viver da caridade pública, já que o governo do general Figueiredo não faz nada para amparar os trabalhadores lançados no desemprego — nem o fundo de desemprego o ministro dos patrões, Murilo Macedo, libera para esses operários. As estudantes de enfermagem, que participam do projeto, constataram que todas as pessoas dos

bairros sofreram ou ainda sofrem de verminose, e nos bairros não existem redes de água e esgoto em vários pontos. Enquanto isso, o governo militar desvia verbas e mais verbas para sustentar as campanhas eleitorais do Maluf e outros serviços do regime do PDS.

Os estudantes viram que o Brasil verdadeiro é bem diferente desse que as propagandas oficiais mostram nos rádios e televisão. O Brasil verdadeiro é um país de um povo explorado, desrespeitado, reprimido pelo governo dos generais e do PDS. O Brasil verdadeiro é um país que precisa mudar. Como brasileiro, eu aproveito esta oportunidade que a **Tribuna Operária** me dá, através da sessão "Fala o Povo", para concluir todo o povo a derrotar o regime de fome e repressão, a derrotar o PDS nas eleições de novembro, votando nos candidatos do PMDB. É a hora da gente dizer não. Vamos usar as urnas para isso. (Lídio Tesoto, professor em Sorocaba, São Paulo)



Nova arbitrariedade à família de S. Paulo

A criação da Secretaria Municipal da Família e do Bem Estar Social — FABES, é mais uma arbitrariedade que se está impondo à população da cidade de São Paulo.

Essa nova Secretaria foi concebida numa filosofia que transforma direitos sociais conquistados e pagos pela população em ações filantrópicas, assistencialistas. Reduz a população de cidadãos, trabalhadores, manifestantes de interesses e soluções, moradores, em indivíduos incapazes, dependentes, mendigos carentes de albergue.

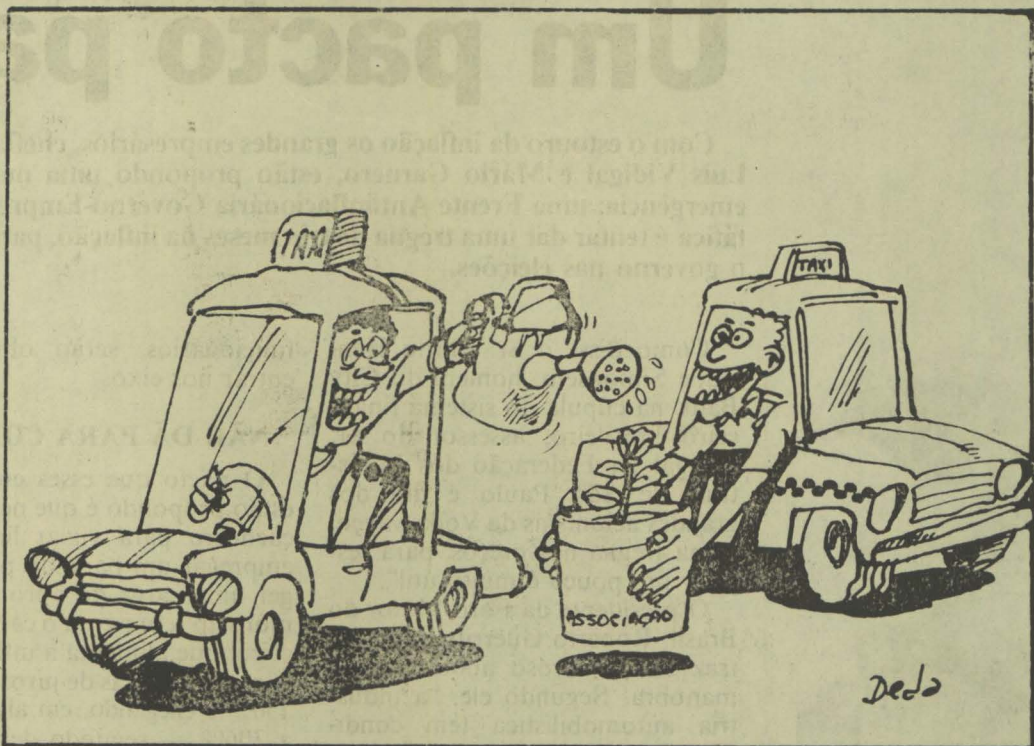
Coloca a família como responsável pela sua situação atual de miséria, de ausência de condições e qualidades de vida, como se o governo pudesse se eximir de sua responsabilidade determinante desta realidade social. Descompromete-se com o atendimento à população ao transferi-lo para as entidades filantrópicas e à comunidade.

As implicações concretas dessa filosofia se fazem sentir através de medidas como:

— a extinção da COBES — Coordenadoria do Bem Estar Social — cuja programação tinha sido uma conquista dos movimentos populares; — as articulações para implantação de um programa de planejamento familiar, visto como solução para a situação de pobreza da população;

— a criação de um Conselho Municipal de Auxílio e Subvenções, diretamente ligado ao Gabinete do Prefeito, colocando as entidades sociais à mercê dos interesses dessa instância política do governo.

Esta manifestação busca dar conhecimento destes fatos à população, para que expresse seu repúdio a mais este ato de arbitrariedade do atual governo. (APASSP — Associação Profissional dos Assistentes Sociais de São Paulo, SP).



Taxista de João Pessoa luta para ter sindicato

Os motoristas de táxi de João Pessoa estão se mobilizando no sentido de criar uma Associação da categoria, que realmente represente os interesses da classe. Hoje, os motoristas de táxi que são proprietários de seus próprios carros, estão fazendo parte do Sindicato dos Condutores Autônomos de Veículos Rodoviários. Os que não têm táxi ficam sem nenhuma participação no Sindicato, daí a necessidade de organização.

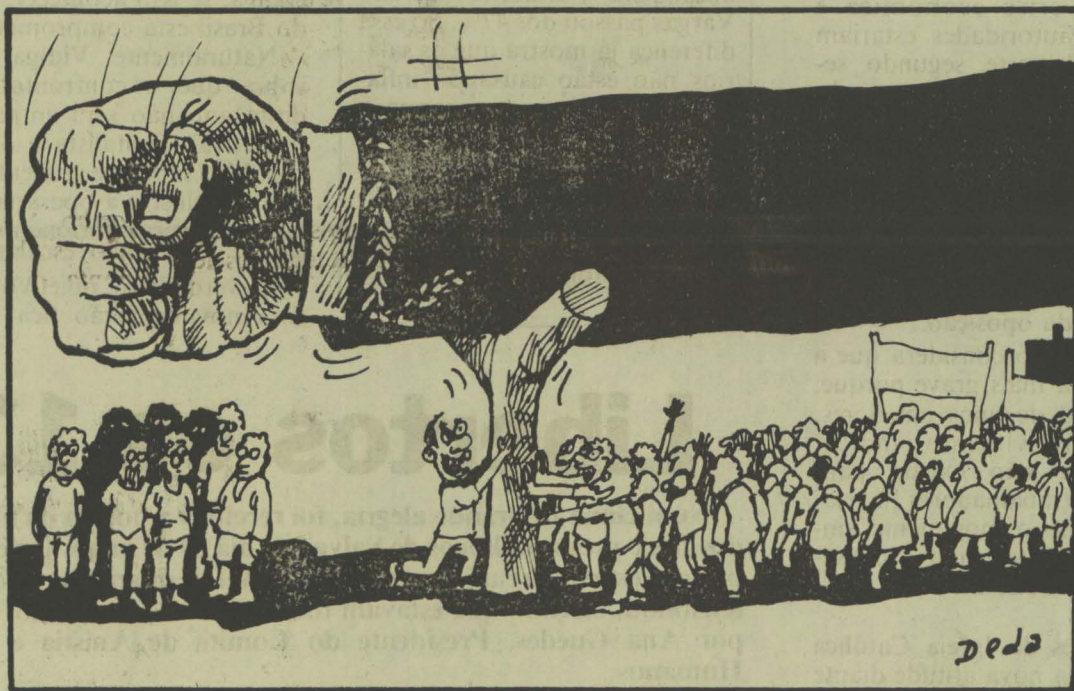
Tendo os motoristas de táxi reivindicações próprias da categoria e não tendo uma entidade que os defenda, em cima de lutas concretas, como a luta pelo ponto livre, os motoristas estão começando uma mobilização para fundar

sua entidade de classe. Segundo o motorista José do Egito, existe em João Pessoa mais de dois mil motoristas de táxi. Destes, aproximadamente 900 estão se mobilizando para a fundação de sua Associação. Ele disse que isto será um passo importante para a classe, pois há muito tempo que os motoristas vêm sendo perseguidos pelos governantes da Paraíba.

Os motoristas Francisco de Paula Gomes e Antonio Eduardo de Bulhões diz que as reivindicações da classe são as seguintes: lutar pelo ponto livre, haja visto que uma parte dos motoristas, ligados ao presidente do Sindicato dos Condutores Autônomos, Hélio de Luna Freire, principal-

mente os que têm frota de táxis, estão ficando de posse dos melhores pontos da cidade; plano de financiamento de compra de táxis acessível aos motoristas; melhor distribuição de táxis nas praças; segurança no trabalho; contra as multas arbitrárias; montagem de uma cooperativa, tipo borracharia e luta contra os aumentos abusivos do preço do combustível.

O pelego Hélio de Luna Freire, chega ao ponto de inventar mentiras para jogar os motoristas uns contra os outros. Esta atitude é condenada pelos motoristas que querem fundar a Associação de Motoristas de Táxis. (Colaborador da TO em João Pessoa, Paraíba)



Duas mil pessoas fazem passeata contra governo

Em Presidente Prudente foi realizado dia 4 de julho um ato público e uma passeata em apoio aos padres franceses Camio e Goriou e os 12 posseiros que estão sendo processados pelo regime militar com base na Lei de Segurança Nacional. Participaram da passeata aproximadamente duas mil pessoas, portando faixas e cartazes e protestavam contra mais este ato autoritário do governo que nada mais faz que apoiar os grandes proprietários de terras.

A Igreja foi quem organizou o movimento de apoio aos padres e posseiros, mas que contou com a participação do PMDB, único partido de oposição presente. Este movimento mostra que o povo não aceita mais viver com leis anti-democráticas que tanto prejudicam o avanço pela conquista da liberdade em nosso país. É chegado o momento de todo o povo levantar a bandeira pela Reforma Agrária.

É preciso acabar com as grandes propriedades rurais

que só atendem aos interesses dos grandes capitalistas estrangeiros. Devemos lutar contra a Lei de Segurança Nacional e contra a Lei dos Estrangeiros. Chega de exploração, miséria, carestia de vida, desemprego. É hora de criar a Unidade Popular, ou seja, a unidade de todos os movimentos populares para conseguirmos realmente um governo que represente os interesses dos trabalhadores.

(A.M.D. — Presidente Prudente, São Paulo)

Candidato baiano demitido faz consideração do país

Considerando o desenvolvimento educacional nas grandes capitais, analisando as necessidades do mercado de trabalho no país, Salvador tornou-se um campo experimental para muitos profissionais sem a devida competência que para aqui vieram e que até hoje vivem faturando bem. Na verdade, trata-se de teleguiados de um sistema que reflete o entreguismo.

Considerando que em Salvador o ensino superior é para os privilegiados, porque os trabalhadores que pretendem estudar à noite encontram poucas faculdades, os cursos técnicos totalmente desprepa-

rados contribuem para maior descrédito ao ensino. Permite que a mão-de-obra qualificada sofra submissão e não tenha condições de reagir pelos seus direitos.

Considerando que a culpa cabe não só ao governo do Estado, como o Federal, é inconcebível que na Bahia tenha matéria prima necessária para a disposição e tenhamos de aceitar como escravos idéias não democráticas. De que adianta termos a nossa terra projetada no cenário nacional se somos explorados.

Considerando que a força

maior vence e o privilégio é de quem tem o poder, vamos encontrar um denominador comum nas próximas eleições votando contra tudo isso que os nossos administradores não mais podem esconder. Só nos resta brigar por dias melhores, mesmo ameaçados como é o meu estado atual. Pois trabalhava como analista na Caraiíba Metais e fui demitido porque entrei para as fileiras do PMDB e pretendia ser um candidato a vereador a fim de alertar e despertar muitos conterrâneos que ainda vivem considerando (Juracy Maia Raposo — Salvador, Bahia)



fala o POVO

As cartas falando sobre as eleições têm aumentado e nos trazem uma riqueza de informações. Neste número destacamos a que um leitor nos enviava de Barra do Garças, interior do Mato Grosso. Apesar de ser uma terra onde os latifundiários usam de todas as artimanhas e violências para fazer o seu partido, o PDS, ganhar as eleições, a oposição tem se saído vitoriosa. E agora o PMDB naquela cidade tem se fortalecido ainda mais e os homens do PDS já estão jogando sujo para ver se ganham a partida.

Outras cartas que temos recebido nos mostram que o sentimento oposicionista do povo brasileiro tem se mostrado até nas mais longínquas cidades do interior. E o PMDB através de seus candidatos populares "ai se enraizando e criando rças para derrotar o regime nas urnas em novembro. Apesar de todas as pressões, ameaças, perdas de emprego e até mortes, os oposicionistas têm levado a luta à frente.

Operários dão apoio a seus candidatos

Numa festa muito animada e com a presença de cerca de 200 operários, foi inaugurado o Comitê Eleitoral do PMDB de Vila Leopoldina, no dia 25 de junho. Na verdade este é um Comitê Operário, já que existe uma grande concentração fabril na região.

O que o destaca ainda mais é o compromisso dos operários de apoiarem os candidatos populares que estão realmente comprometidos com os anseios de liberdade dos trabalhadores. É pensando dessa forma que irão apoiar Aurélio Peres, que é operário metalúrgico e atualmente deputado federal, candidato à reeleição; Benedito Cintra, atual vereador é candidato a deputado estadual e Arnaldo Alves, operário metalúrgico, candidato a vereador.

Os três candidatos falaram na ocasião e reafirmaram a disposição de continuarem na luta por amplas liberdades para o povo, e principalmente para a classe operária.

Aurélio Peres disse que "o maior inimigo do povo é o regime militar. A tarefa da oposição é derrotar o PDS nas eleições e acelerar o fim do governo dos generais. O PMDB que é um partido que se constitui numa ampla frente democrática, reúne condições para impor uma derrota nesse regime vende-pátria".

Benedito Cintra, candidato a deputado estadual exortou os operários a fazerem política também. afirmou que "a política não pode ser privilégio de políticos. A classe operária é a mais interessada na transformação dessa situação, e por isso deve fazer a sua política, a política da classe operária".

Arnaldo Alves, candidato a vereador ressaltou que "o que nós candidatos populares prometemos é luta, muita luta pela liberdade do povo e por melhores condições de vida. Colocamos nossas vidas a serviço da classe operária e de todo o povo sofrido".

Os três candidatos foram muito aplaudidos pelos operários, que continuaram na festa até altas horas da noite, animados por um grupo de sambistas.

(Um operário da zona oeste — São Paulo, SP)

A esperança de ver triunfar a classe operária

Trabalhei noite e dia envelhei sem notar me roubaram o sorriso cegaram o meu olhar. Esqueceram-se portanto do meu pensar, da classe que pertencimento da disposição de luta que temos da esperança de triunfar da vanguarda que pertencimento com o objetivo de acabar a exploração capitalista e a ditadura militar. (Dailson Mariano Gomes, operário desempregado — São Paulo, SP)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Imperialismo e poder fascista

O fascismo é a substituição de uma forma de domínio da burguesia — a chamada democracia burguesa — por outra mais violenta, a ditadura terrorista declarada. É o sistema de governo da burguesia que se baseia no banditismo político, nas provocações e nas torturas.

OFENSIVA DO CAPITAL

O imperialismo concentra o poder econômico e político nas mãos de uma oligarquia financeira e aguçá todas as contradições do capitalismo. Com o agravamento da crise capitalista, a burguesia financeira trata de descarregar as consequências sobre os trabalhadores de seu próprio país e sobre os povos dos países dependentes. Busca também reforçar seus pontos de apoio no mundo para uma nova divisão dos mercados e fontes de matérias-primas. Para isto recorre ao fascismo e promove governos de tipo fascista nos países sob seu domínio.

O fascismo suprime mesmo as limitadas liberdades da democracia burguesa. Elimina os sindicatos e os partidos democráticos e populares — ou os transforma em instrumentos auxiliares do poder, colocando em suas direções pelegos, interventores, policiais ou colaboradores. Coloca toda a máquina estatal a serviço dos grandes magnatas das finanças, acentuando brutalmente a exploração dos trabalhadores. É a mais feroz ofensiva do capital contra os operários e os povos. Provoca choques agudos mesmo dentro da burguesia, marginalizando os setores mais débeis.

OPRESSÃO SEM MÁSCARA

O fascismo é uma forma violenta da burguesia impedir a revolução. Ao lado da repressão brutal, faz uma política demagógica para conquistar setores menos politizados da população. Procura insuflar o sentimento de grandeza da pátria quando na prática trai a nação. Tenta desviar a juventude dos problemas políticos e dividir os trabalhadores.

Apesar de ostentar uma fachada de força, por se apoiar na violência armada, o fascismo é um indicio de debilidade do sistema capitalista. Diante das contradições insolúveis e da crise mundial em que se atola, o capitalismo já não consegue governar como fazia antes. Precisa abandonar a máscara democrática com que procurava se apresentar e aparece abertamente como um sistema de exploração e de opressão.

POLÍTICA DE TRAIÇÃO

A implantação do fascismo não é uma fatalidade. A classe operária unida, em aliança com as massas camponesas e a pequena burguesia — e até com setores da burguesia, em países dominados pelo imperialismo — pode impedir esta forma de dominação, com uma política de combate enérgica a todas as medidas reacionárias e pró-fascistas.

No Brasil, a vitória do fascismo a partir de 1964, e mais acentuadamente depois de 1968, foi possível pela passividade imposta ao povo pelos revisionistas e outros oportunistas. Com uma política de colaboração de classe, Prestes e seu partido disseminaram a confiança no governo burguês reformista de João Goulart e no seu "dispositivo militar", supostamente defendido pelo que denominavam "setor progressista das Forças Armadas". Com isto, desarmaram politicamente as massas e deixaram campo livre para as forças fascistas prepararem e desencadearem o golpe militar de 1º de abril de 1964.

A mudança da dominação de uma forma de Estado por outra exige da classe operária uma tática diferente de luta. Os enormes sacrifícios impostos aos trabalhadores precisam ser cuidadosamente estudados e enfrentados com justeza. A seguir, a frente única contra o fascismo.



Paulinho, o interesse permanente pelo samba puro

Novas histórias nas canções de Paulinho da Viola

Paulinho da Viola está lançando um novo disco. Como sempre, seu trabalho está vinculado à vida do povo e à divulgação do canção popular. "A Toda Hora Rola Uma História", seu novo LP traz sambas e choros seus e de Armando Santos (da velha guarda da Portela), Sidney Miller (compositor recentemente falecido), Zorba Devagar e Micau (com um partido alto de "humor-protesto"), Jorge Mexeu, além de parcerias com Elton Medeiros e Sérgio Natureza.

O GRANDE MARGINAL

O disco é uma continuidade do trabalho de Paulinho como músico que pesquisa as manifestações populares de cultura: "O samba é o grande marginal dentro da música popular brasileira. O sambista é um injustiçado. Para fazer sucesso, o samba teve que ser negado, depurado. Eu sempre me interessei pelo outro lado, pelo samba puro."

As músicas de Paulinho buscam refletir a realidade em movimento, em transformação. É como ele mesmo diz, na música que dá título ao LP: "A toda hora rola uma história. Que é preciso estar atento. A todo instante rola

um movimento. Que muda o rumo dos ventos."

"A Toda Hora Rola Uma História" é o 12º LP de Paulinho da Viola, um dos principais músicos populares do país e que não gosta de falar muito de si e de seu trabalho: "Gosto de atribuir à minha pessoa, ao meu trabalho, o peso justo. Sei o tempo em que estamos vivendo, tenho consciência de que a música — fundamental para mim — não é a coisa mais importante do mundo. Assim, não me sinto bem, ocupando espaços para falar do meu trabalho enquanto há pessoas que não têm como expressar sua dor. Não gosto de me ver envolvido por uma cultura que faz as pessoas falarem somente delas próprias, esquecendo-se que há um universo complexo em torno de nós."

Pessoa de grande modéstia, Paulinho da Viola lança seu disco sem grande alarde, sem sensacionalismo. Defendendo-se, inclusive, da acusação de que algumas de suas músicas são repetitivas: "As repetições são inevitáveis, porque o ser humano vive se repetindo. Além disso, aos 39 anos tenho a consciência de que não sei de nada". Ou melhor, como ele diz num de seus sambas de sucesso: "As coisas estão no mundo, só que eu preciso aprendê-las".



O pacifista que inventou o avião

Em 24 de julho de 1932, angustiado pela utilização do avião como arma de guerra, Alberto Santos Dumont suicidou-se. O brasileiro inventor do avião, que chegou a lançar um apelo para que fosse proibido o uso do avião como arma, foi transformado pelas classes dominantes no "Patrono da Aeronáutica", agora envolvida na corrida armamentista brasileira.



Dumont, depois de morto, patrono da FAB

Nascido em 20 de julho de 1873, em Minas Gerais, Alberto Santos Dumont era filho de uma grande família de fazendeiros. Foi morar no interior da França, onde descobriu um pequeno motor, que lhe despertou a paixão pela mecânica. O jovem passou a pesquisar os balões tripulados. Em 4 de julho de 1898, subiu aos céus com um balão diferente, que descreveu como "o menor, o mais lindo e o único que teve o nome de Brasil".

Em 1903, Santos Dumont recebeu uma carta do escritor francês Júlio Verne, famoso pelos livros de ficção científica (Vinte Mil Léguas Submarinas, A Volta ao Mundo em 80 Dias, Viagem ao Centro da Terra, etc). Essa carta estimulou o jovem brasileiro a tentar novas experiências, objetivando a construção de um modelo de aeroplano. E em 23 de outubro de 1906 ele se transformava no primeiro a voar num aparelho mais pesado que o ar, a bordo do seu famoso 14-Bis. Com esse

vôo conquistou o título de "Pai da Aviação". A partir de então, Santos Dumont se desinteressou pelos balões, dedicando-se exclusivamente aos aviões.

Mas Dumont foi levado a um extremo grau de angústia ao ver seu invento ser usado em fins bélicos, na primeira guerra imperialista, de 1914-1918. Amargurado, retornou ao Brasil. Mas também aqui, na chamada "Revolução de 9 de Julho de 1932", Dumont chegaria a ver o porto de Santos ser alvo de bombardeios aéreos. Poucos dias depois, poria fim à própria vida.

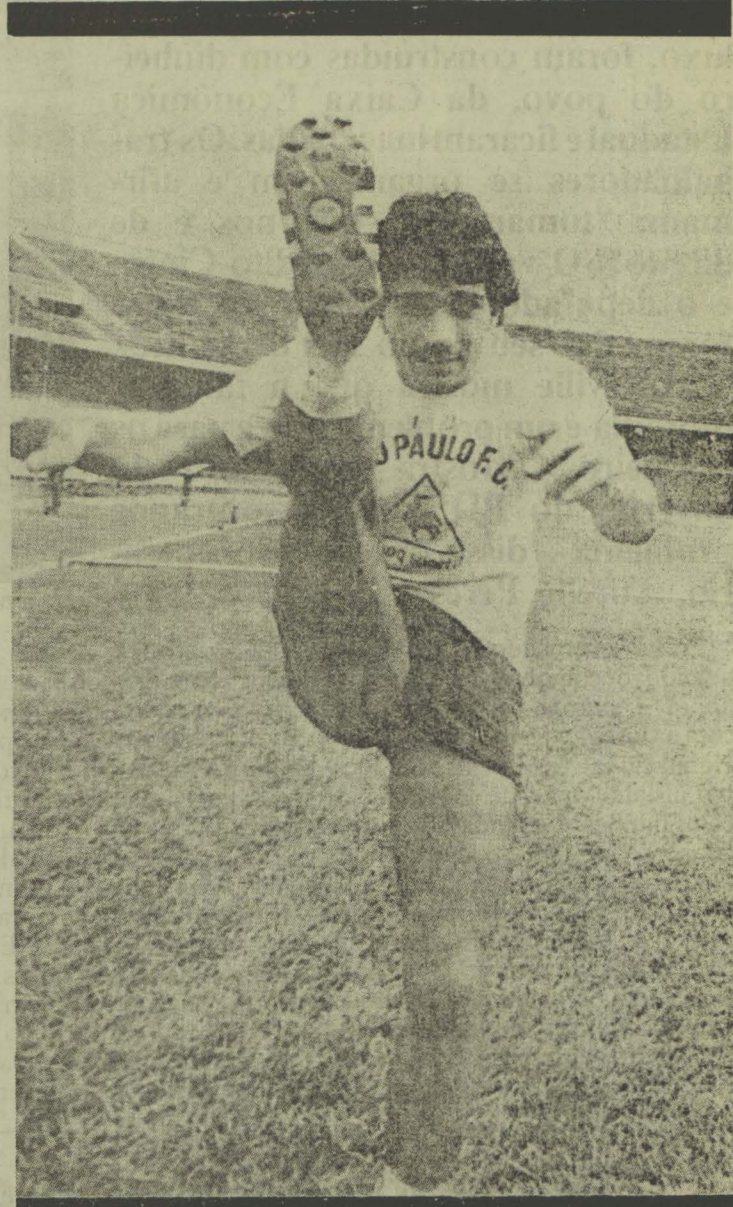
Assim como Tiradentes, um revolucionário nacionalista executado pela milícia seria depois transformado em "Patrono da Polícia Militar", também Santos Dumont seria vítima das classes dominantes após sua morte. E o pacifista acabou sendo o "Patrono da Força Aérea Brasileira", a FAB, atualmente envolto na corrida do rearmamento...

Futebol mais alegre: Zé Sergio voltou!

Zé Sergio, que juntamente com Eder não nos permite esquecer que não há bom futebol sem pontas habilidosos, está de volta após longa ausência motivada por uma série de contusões. Reanima-se a torcida são-paulina e o nosso futebol respira aliviado por continuar contando com a presença de um dos últimos remanescentes da geração de Garrincha, Julinho, Claudio, Pepe e tantos outros "artistas" das camisas sete e onze.

A volta de Zé Sergio ao time do São Paulo foi a novidade agradável nas primeiras rodadas do campeonato paulista deste ano. O ponteiro tricolor havia sofrido uma fratura no ante-braço direito num lance violento disputado num jogo do seu clube contra o Guadalajara, no início do ano passado nos EUA. Retornou em julho, depois de três meses, e por incrível infelicidade, nesta partida, caiu sobre o braço direito e sofreu nova fratura no mesmo local. Ficou inativo por mais dois meses, e quando preparava-se para retornar aos treinamentos, mais uma contusão séria: torceu o joelho direito, sendo obrigado a submeter-se a uma delicada operação nos ligamentos, da qual somente agora é que conseguiu recuperar-se completamente.

No final do ano passado, excitado com a possibilidade de integrar a lista dos que iriam para a Copa, Zé Sergio precipitou-se e acabou prolongando o restabelecimento completo da operação no joelho. A teimosia de Telê em não escalar ninguém para a ponta direita, bem como a atual inexistência de um grande craque para esta posição, nos fez lembrar com muita saudade as fintas desconcertantes e o estilo agressivo do "garotinho", como é chamado pela torcida do seu clube. E ele poderia ter jogado pela direita, apesar de ser especialista no outro lado, já que no São Paulo atuou muitas vezes, com a mesma eficiência, pelas duas extremas. Aliás, Zé Sergio era titular absoluto no time de Telê até as contusões.



Depois de dezoito meses Zé Sergio volta ao time do São Paulo

Numa época de grandes armadores como a atual, onde sobejam craques como Falcão, Zico, Sócrates, Cerezo, Batista, Jorge Mendonça, Adílio e muitos outros, Zé Sergio foi considerado o melhor jogador do Brasil em 1980. E enquanto a FIFA não alterar a forma do campo de retângulo para trapézio ou não mudar as traves do centro da linha de fundo para as balizas de escanteio, como diz João Saldanha, nenhum técnico, nenhum time e nenhuma torcida não deixará de se orgulhar com a exuberância e a competência do futebol de Zé Sergio jogando a seu favor.

Garrincha foi para a Suécia como reserva de Joel, na Copa de 58, e quando entrou no time mostrou talvez o mais magnífico espetáculo que um ponta pode proporcionar. Jairzinho foi duramente criticado na Copa de 66 para depois se consagrar na grande

seleção campeã de 70. Julinho, titular da sacrificada seleção de 54, não voltou à Copa, mas suas atuações no futebol europeu e o lendário episódio de um jogo no Maracanã, quando entrou vaiaado porque Garrincha ficou no banco e mesmo assim, deu um show marcando os dois gols da vitória contra a Inglaterra, garantiram a sua presença para sempre na galeria dos fora de série.

Zé Sergio, na Copa de 78, foi mantido pelo técnico Claudio Coutinho na reserva dos medíocres Gil e Dirceu. Desta vez não viajou pelas contusões já mencionadas. As suas atuações anteriores no São Paulo já demonstraram as suas excepcionais virtudes. Resta apenas ao "garotinho" dar também a volta por cima e reeditar as suas grandes jornadas para selar seu ingresso no restrito clube das lendas do "futebol-arte".

(Jessé Madureira)

Mercenário Dirceu joga contra racistas

Uma multinacional fabricante de cervejas contratou algumas estrelas do futebol mundial para fazer algumas exposições em caráter promocional na África do Sul, governada por um regime declaradamente racista. Mário Kempes, Ardiles, Keegan e o brasileiro Dirceu, dentre outros, concordaram em participar da excursão reprovada até mesmo pela FIFA.

Numa viagem de Telê à Europa, irrompeu no hotel em que o técnico estava hospedado com relatórios sobre as suas condições físicas e um calendário das suas partidas na Espanha, tentando forçar a convocação. Relacionado entre os vinte e dois, iniciou uma guerra de nervos para ganhar a posição de Isidoro com declarações

desleais. E quando sentiu-se em desvantagem, descontou no lateral Edevaldo, agredindo-o com pontapés nos treinamentos.

Dirceu, depois de nos ensinar tudo que um ponta não precisa fazer no campo, nos dá mais uma valiosa lição: como um jogador não deve se comportar fora do campo. (J.M.)



Dirceu, e outros astros, juntos com o regime da África do Sul

Uma coletânea do veterano dirigente comunista João Amazonas sobre problemas do movimento revolucionário brasileiro. Entre eles destaca-se Conquistar a Liberdade Política, alcançar a Democracia Popular, uma exposição da tática atual dos comunistas brasileiros.

João Amazonas
Pela Liberdade
e pela
Democracia Popular



EDITORA
ANITA GARIBALDI

"Tomamos o que nos é de direito!"

Favelados e desempregados ocuparam 315 casas, dia 16 de julho, no conjunto Centreville, em Santo André, ABC paulista. As casas, de luxo, foram construídas com dinheiro do povo, da Caixa Econômica Estadual e ficaram inacabadas. Os trabalhadores se organizaram e afirmam: "tomamos o que nos é de direito!" O vereador Benedito Cintra e o deputado federal Aurélio Peres foram dar seu apoio aos ocupantes. "Centreville mostra que a falta de moradia é um problema grave para os brasileiros. Mostra o descaso do governo do PDS com esse grande problema", disse o deputado operário, Aurélio Peres.

Eram cinco horas da manhã quando o comboio de três caminhões e outros carros entraram com as luzes apagadas no Conjunto Habitacional Centreville. No mesmo instante, mais de cem famílias, com mulheres grávidas, velhos e crianças, pulavam o córrego que separa as casas do conjunto e se dirigiram aos caminhões para retirar a mudança. Ninguém se preocupava com o frio cortante, diante da preocupação de conseguir casa própria. A grande maioria era de desempregados e favelados, muitos metalúrgicos.

Ijanete Vieira colocou seus três filhos sobre um colchão, na sala da casa que ocupou. Ela morava na favela Maracanã e era operária na fábrica Trol até ser demitida. Agora trabalha como doméstica para sustentar os filhos. Conta, orgulhosa: "Nós chegamos aqui de madrugada. Ai invadimos a primeira casa. Veio a polícia e jogou pra fora das casas as nossas coisas". E olhando para a filha de seis meses fala com decisão: "Daqui ninguém me tira".

Esta resolução de não sair está presente desde o início. A polícia tentou desalojar os moradores e

prendeu várias pessoas. Iraci Barbosa é mãe de cinco filhos, trabalha na limpeza de uma fábrica e morava na favela Homero Thon. "Cheguei aqui morta de medo, mas acho que é justo a gente lutar por uma coisa que vale a pena. Eu sei que vou perder o serviço, mas não me importo, desde que deixe de morar num barraco". Já fazia tempo que os moradores estavam de olho naquelas casas. Eram 460 residências de três e quatro quartos, abandonadas há cinco anos, numa região onde o número de favelas saltou de uma em 1964 para 58 em

1980. Hoje são 60 mil favelados. O problema da moradia se agravou mais com o desemprego e os exorbitantes aumentos dos alugueis. Já estava prevista a ocupação das casas, tanto que a vigilância no local estava reforçada.

Antes de sair para Centreville, as famílias passaram a noite na sede da Sociedade Amigos das Vilas Unidas (SAVU). Seu presidente, Tarciso da Silva Calé, deu-lhes total apoio. Por isso foi um dos presos pela polícia na madrugada do dia 16 e enviado ao DOPS de São Paulo, junto com o metalúrgico desempregado João Batista da Rocha e outros dois moradores.

O paranaense José Carlos da Silva, eletricista desempregado, conta como se deram as prisões. "Chegamos todo mundo junto. Logo veio uma rádio-patrulha. Colocamos a mudança toda dentro de uma casa e saímos arrombando porta e tomando conta das casas.

Em seguida chegaram outras viaturas da PM, e de cara pegaram quatro pessoas que eles consideravam líderes da ocupação. Um dos soldados perguntou quem era o responsável por isso e eu disse que era o Maluf, que deixou o povo na miséria".

Ainda no primeiro dia de ocupação foi formada uma comissão de organização. Diversas entidades prestaram solidariedade e a Prefeitura, que é do PMDB, enviou caminhões-pipa para abastecer as casas que estavam sem água. Foi construído um pontilhão de madeira para facilitar a travessia do córrego que liga o conjunto habitacional ao bairro.

O ÂNIMO É GERAL

As famílias já planejam como viver no novo local. O ânimo e a vontade de ficar é geral. A comissão já foi até à direção da Caixa Econômica dizer que está disposta a pagar uma mensalidade pela casa, desde que esteja dentro de suas condições financeiras. Mas a Caixa se negou a atender tais reivindicações.

Joaquim Emiliano Amorim, um metalúrgico desempregado, é da comissão organizadora e faz a ronda noturna acompanhado de seu cachorro. Diz que quase toda sua família está ali: mãe, irmãos, sobrinhos. Benedito Aparecido dos Santos trabalhou como pedreiro na construção do Centreville e hoje é um dos seus moradores. "Achei a ideia justa — comenta ele — e já devíamos ter tomado há mais tempo. Enquanto a gente morava em barracos as casas estavam aí fechadas".

Alelino Teodoro de Barros, trabalhador rural aposentado, 71 anos, sentado na porta da casa que sua neta ocupou explica: "Ninguém está podendo pagar aluguel. Se pagar aluguel não pode comer e se comer não pode pagar aluguel".

Em Portugal o povo tomou as casas e ficou com elas

A ocupação de casas vazias por trabalhadores sem teto, como aconteceu em Santo André, é uma forma de luta conhecida em vários países. Um dos exemplos melhores é Portugal, onde há milhares de famílias vivendo até hoje em casas ocupadas 8 anos atrás, durante a crise de 1974/75.

Naqueles dias revolucionários, praticamente todo dia havia ocupações, em diferentes cidades de Portugal. Os moradores dos "bairros de lata" — as favelas portuguesas — tomaram na ocasião não só conjuntos desocupados, como o de Centreville, mas também os luxuosos palacetes de magnatas que haviam deixado o país com medo do avanço popular. Os sindicatos, associações e creches dos trabalha-

dores também passaram a funcionar em sedes arrebatadas aos protegidos do regime fascista derrubado. O povo organizava-se, reunia-se para planejar a ocupação, tomava as casas e elegia sua comissão de moradores. Isso aconteceu em massa.

Como o movimento adquiriu uma dimensão nacional, ficou impossível reprimi-lo. As ocupações criavam uma situação de fato, os "bairros de lata" se esvaziaram. E o governo terminou forçado a legalizar a situação criada. As comissões de moradores foram inclusive reconhecidas pela Constituição, e os ocupantes passaram a pagar alugueis pelos seus novos lares, mas proporcionais à sua renda familiar.



Maria, sorriso nos lábios

"Nada conseguiremos de graça, sem luta"

Uma das pessoas mais procuradas pela polícia durante a primeira semana de ocupação das casas do Centreville foi Maria da Silva, uma das maiores lideranças entre os moradores dos bairros próximos ao conjunto habitacional.

Maria é candidata a vereadora pelo PMDB e durante a convenção realizada no Paço Municipal de Santo André, no dia 18 de julho, a polícia cercou o palanque a fim de prendê-la. O fato só não se consumou porque um deputado telefonou para o delegado Romeu Tuma, do DOPS, e o cerco foi suspenso, com a promessa dela se apresentar no DOPS no dia seguinte. "Estou sendo perseguida dia e noite", desabafa Maria. Todas as pessoas que chegam à sua casa são detidas.

Maria é presidente da Sociedade Amigos de Vila Guaraciaba, em Santo André (Savig), já foi empregada doméstica e operária têxtil. É ativa participante do Movimento Contra a Ceresia. Ela conta que "umas famílias procuraram a gente na Savig para saber o que poderia ser feito para morar nas casas vazias do Centreville. Nós dissemos que a Savig sempre se colocou a favor das lutas populares e esta luta é justa".

Como candidata a vereadora, Maria considera que a defesa dos ocupantes "é uma tarefa a mais na luta popular que venho travando". A ocupação de Centreville conta com seu decidido apoio. É com um bonito sorriso que ela afirma: "A atitude dos moradores é um grande avanço. Isso mostra que nós não vamos conseguir nada de graça, só com luta".

O escândalo financeiro do Centreville

Na construção do Centreville houve um dos maiores escândalos financeiros do Estado de São Paulo, envolvendo a Caixa Econômica Estadual. Em 1981 foi aberta uma Comissão Especial de Investigação (CEI) e um dos deputados integrantes disse que "se houvesse justiça neste país, Afrânio de Oliveira e João Baldacci, então diretores da Caixa Econômica Estadual, que autorizaram os pagamentos, deveriam estar na cadeia".

O Conjunto Habitacional Centreville foi feito para atender a clientes de luxo. No seu lançamento, em 1976, prometia uma "nova maneira de morar bem que europeus e americanos escolheram". Existiam oito opções de casas, com três ou quatro quartos, financiadas pela Caixa Econômica em até 18 anos.

Só a Construtora Novaorbe, uma das cinco empresas do Centreville, deve Cr\$ 3,5 bilhões à Caixa Econômica Estadual. Em 1976 a Novaorbe fez um empréstimo com a Caixa, com a obrigação



A placa da Caixa Econômica: casas para a elite e não para o povo

de concluir o Centreville em 12 meses. Mas a construtora abandonou a obra pelo meio. Outra empresa recebeu aprovação de um grande empréstimo antes mesmo de estar registrada na Junta Comercial.

Esse dinheiro que a Caixa jogou no Centreville até hoje não foi recobrado. Três meses após os financiamentos, as empresas do grupo Centreville já não pagavam nem juros, nem comissões dos contratos. Mesmo assim, o presi-

dente da Caixa, Afrânio de Oliveira, autorizou a "antecipação de 5% das parcelas previstas no cronograma de cada financiamento".

Passados quatro anos, nenhuma empresa foi punida, nem o dinheiro foi recuperado. Em compensação, após os trabalhadores ocuparem um setor do Centreville, o processo judicial corre rapidamente para tentar despejá-los.

Latifúndio assassina advogado no Pará

O assassinato do advogado de posseiros Gabriel Pimenta, no último dia 18, gerou um clima de tensão na região de Marabá. Os dois principais suspeitos de mandantes do crime — o grileiro Manoel Cardoso Neto (Nelito) e o capanga José Nóbrega (Marinho) tiveram que ser transferidos para Belém, pois mais de cem lavradores se aglomeraram em frente à delegacia exigindo justiça.

O advogado Gabriel Pimenta era advogado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá e membro do Diretório Municipal do PMDB local. No dia 18 ele havia participado da Convenção do partido e junto com um casal de amigos retornava para casa quando um pistoleiro o assassinou a queima roupa, pelas costas, com três tiros. Segundo Edson Cameiro, que o acompanhava, só se ouviu o ranger da porta de um volkswagen bege e uma voz: "É o mais alto". Não houve tempo nem para correr. Tudo indica que o mandante do crime seja Nelito, o grileiro que expulsou 158 famílias da localidade de "Pau Seco". Pimenta, em novembro do ano passado, impetrou mandado de segurança conseguindo que os posseiros retornassem a terra. A partir daí era comum ouvir Nelito dizer abertamente que mataria o advogado.



Gabriel Pimenta: o advogado assassinado

Mais de 1.500 populares, na maioria posseiros, acompanharam o enterro de Pimenta no dia 20. Seu corpo foi velado na sede do Sindicato da Construção Civil de Marabá, onde se lia uma imensa faixa: "Gabriel, ao te matarem, te

multiplicaram. E agora seremos milhões".

"SEREMOS MILHÕES"

Os protestos contra o assassinato se multiplicam. Inúmeras entidades sindicais e populares e o Diretório do PMDB emitiram nota oficial, onde afirmam: "Nós sabemos quem matou Gabriel Pimenta. Um pistoleiro de aluguel, um 'Marinho', um 'Nelito' foram apenas seus executores. Quem matou Gabriel foi o latifúndio, na sua fome devoradora de terras; foram os grandes grupos capitalistas, sobretudo, as multinacionais, na sua voragem de lucros, devastação e saque de nossas riquezas; foi o governo e o PDS, que protegem esse sistema iníquo, que atenta contra a vida e a liberdade". De fato, somente em Marabá e Conceição do Araguaia, no sul do Pará, o latifúndio já assassinou mais de 40 lavradores, como Gringo e Zé Piau, e nunca foram incomodados pelo governo. E já no dia 20 mais um posseiro, de nome Marcos, com 17 anos de idade, era morto por um soldado da Polícia Militar, na localidade de Cachoeirinha, em São Geraldo do Araguaia. O motivo também foi uma disputa de terra.

Também a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) lamentou o assassinato de Pimenta, acrescentando que este crime "acrescenta mais uma vítima à lista de violência do latifúndio e da grilagem". Já o bispo de Marabá, dom Alano Pena, informou que o clima na cidade após a morte do advogado "é de tensão e intimidação". (da sucursal)

Nelito ameaçou Gabriel

Quando ainda ressoavam na mata os últimos tiros da Guerrilha do Araguaia, em 1975, um conjunto de lavradores sem terra, vindos de diversos Estados do país, iniciou a ocupação de uma sorte de terras entre os rios Cametau e Cametauzinho, conhecida como "Pau Seco".

Em 1979, quando as terras do "Pau Seco" estavam ocupadas por dezenas de famílias, apareceu na região a sra. Maria Mossalem Quadros, de tradicional família de latifundiários e castanheiros de Marabá, dizendo-se proprietária de 3.600 alqueires na região, inclusive "Pau Seco".

SURGE O NELITO

Os posseiros não aceitaram sair das terras. É quando surge Manoel Cardoso Neto, o Nelito, aventureiro baiano, sempre a serviço do latifúndio. Ele resolveu comprar as terras ocupadas, dizendo que jamais havia perdido uma questão. Daí por diante a vida dos posseiros virou um inferno. Nelito conseguiu, em outubro de 1981, uma ordem judicial de "despejo" dos posseiros. Auxiliado por policiais, armados até de metralhadoras, o grileiro jogou quase 800 pessoas no leito das estradas, derrubando casas, queimando barracos, destruindo tudo.

Nelito pretendia, ainda, destruir o Sindicato dos Trabalhadores



À esquerda, João do Cupu, um dos perseguidos pelo grileiro Nelito

res Rurais de Marabá, recém-fundado, cujo presidente, João do Cupu, era posseiro do "Pau Seco". Em novembro, Nelito invadiu a casa de João, junto com seus jagunços. O lavrador, apavorado, fugiu para nunca mais voltar.

Mas em dezembro, com um mandado de segurança, os posseiros conseguiram voltar para suas terras, e ainda reorganizaram o Sindicato, colocando o corajoso Antônio Chico para presidir-lo.

Nelito ficou desesperado. Ameaçou Antônio Chico de morte. Um lavrador, Herondino, chegou a ser assassinado, confundido com

o Antônio, em fevereiro. A polícia não tomou qualquer providência. Em fins de junho, Nelito e seu sócio Marinho cercaram um posseiro, e Nelito ameaçou: "Vocês estão se acobertando com o Gabriel e o Antônio Chico, mas até dia 4 de agosto (quando teria audiência na Justiça para tratar da questão da terra) vocês não vão se esconder mais nas costas deles!"

Três dias antes do assassinato de Gabriel, Antônio Chico foi perseguido por Nelito nas ruas de Marabá e teve que se refugiar em um barraco.

(Paulo Fonteles)